

Fúlvia Gonçalves
Benedito Barbosa Pupo

Testemunhos do Passado CAMPINEIRO



EDITORA DA UNICAMP

UMA CAMINHADA NOSTÁLGICA

Este livro é, antes de tudo, uma caminhada pelas ruas antigas e estreitas de Campinas. Uma caminhada lenta, nostálgica e romântica, em que Fúlvia, com sua sensibilidade, nota, aqui, uma fachada antiga disfarçada por uma enorme tabuleta, ali, um portal pintado de cores berrantes e, acolá, igrejas, janelas e até paredes espremidas pelo concreto, oprimidas pelo asfalto, escondidas pela indiferença dos transeuntes e a insensibilidade dos que deveriam preocupar-se com a preservação da memória campineira.

Este não é um livro de História, nem um manual de arquitetura colonial. Por vezes, Fúlvia reportou-se a obras antigas para criar seus desenhos — o que restava nas ruas não era o bastante para servir de modelo. Por isso ele é um testemunho, com tudo o que uma obra de lembrança se permite de subjetivo.

O texto de Benedito Pupo enriquece a obra com sólida erudição.

Testemunhos do Passado Campineiro foi escolhido como obra n.º 100 da Editoda da Unicamp. A Editora criada há pouco mais de dois anos pelo dinamismo do reitor José Aristodemo Pinotti, chega ao final de sua gestão com 100 títulos publicados, situando-se entre as primeiras do país.

Este livro é um presente da Editora e da Universidade à cidade de Campinas.

Jaime Pinsky

CATÁLOGO

EDITORA DA UNICAMP

87





**TESTEMUNHOS DO
PASSADO CAMPINEIRO**

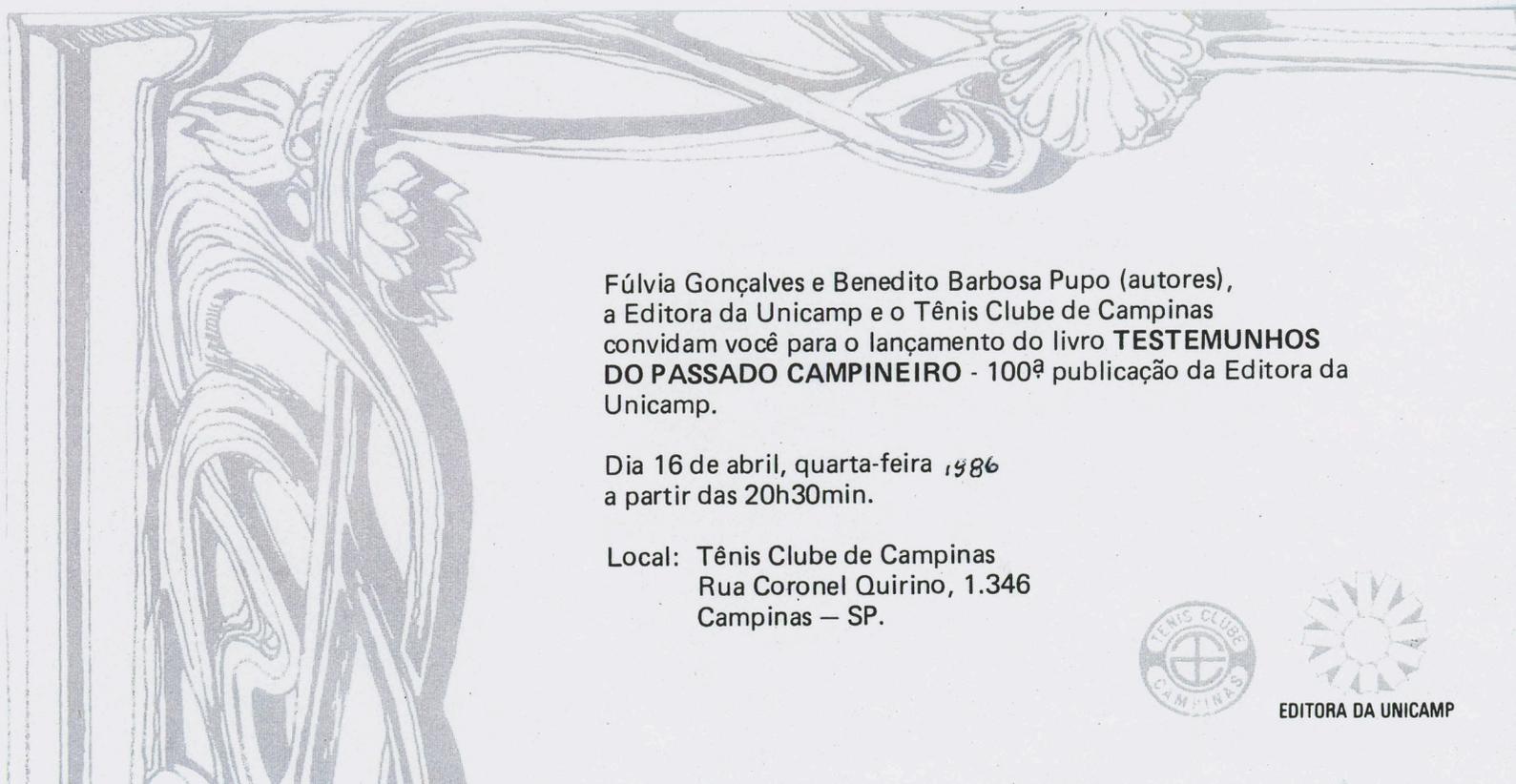
Fúlvia Gonçalves
Benedito Barbosa Pupo,
1986, 170 pp.

X Este livro é, antes de tudo, uma caminhada pelas ruas antigas e estreitas de Campinas. Uma caminhada lenta, nostálgica e romântica, em que Fúlvia, com sensibilidade, nota, aqui, uma fachada antiga disfarçada por uma enorme tabuleta, ali, um portal pintado de cores berrantes e, acolá, igrejas, janelas e até paredes espremidas pelo concreto, oprimidas pelo asfalto, escondidas pela indiferença dos transeuntes e a insensibilidade dos que deveriam preocupar-se com a preservação da memória campineira.

Este não é um livro de História nem um manual de arquitetura colonial. Por vezes, Fúlvia reportou-se a obras antigas para criar seus desenhos – o que restava nas ruas não era o bastante para servir de modelo. Por isso, ele é um testemunho, com tudo o que uma obra de lembrança se permite de subjetivo.

O texto de Benedito Pupo enriquece a obra com sólida erudição.

Testemunhos do Passado Campineiro foi escolhido como a centésima publicação da Editora da Unicamp. É um presente da Unicamp para a cidade de Campinas.



Fúlvia Gonçalves e Benedito Barbosa Pupo (autores),
a Editora da Unicamp e o Tênis Clube de Campinas
convidam você para o lançamento do livro **TESTEMUNHOS
DO PASSADO CAMPINEIRO** - 100ª publicação da Editora da
Unicamp.

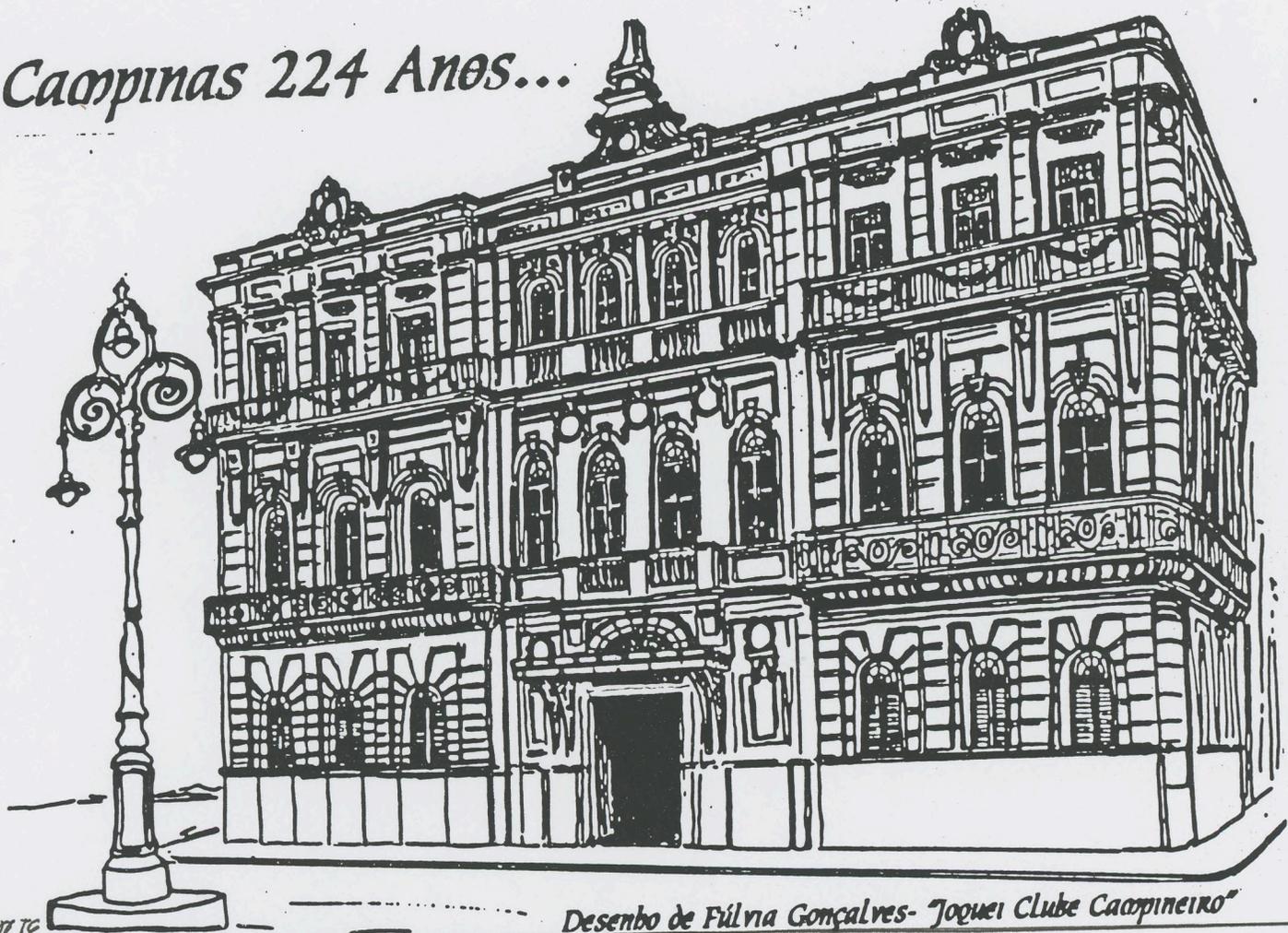
Dia 16 de abril, quarta-feira 1986
a partir das 20h30min.

Local: Tênis Clube de Campinas
Rua Coronel Quirino, 1.346
Campinas — SP.



EDITORA DA UNICAMP

Campinas 224 Anos...



CENTRO DE CIÊNCIAS, LETRAS E ARTES
apresenta a Exposição de Desenhos de
Fúlvia Gonçalves:

VERSO

CAMPINAS, FRAGMENTOS DO PASSADO
Homenagem aos 224 Anos de nossa Cidade

Galeria de Arte do CCLA
de 2 a 18 de julho de 1998

Abertura:

2 de julho - 5a. feira - às 20:00hs
Contamos com você!

HOR. de VISITAS: 2a. à 6a.f. das 9 às 18 hs

Sábados: das 9 às 12 hs

Apoio Cultural:



UNICAMP

Centro de Ciências, Letras e Artes
Rua Bernardino de Campos, 989, Centro
13.010-151 - Campinas (P.019-2312567)





31 de Agosto de 1977

CENTRO DE VIVÊNCIA / 12 e 30 h.

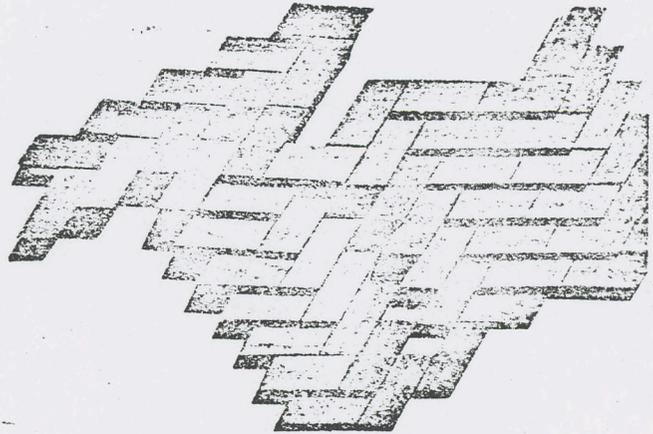
música-meio-dia

MA CHIA CIANG / violino
ALEX PASCOAL / piano

— integrantes da Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas

Audição no âmbito do Compromisso de Intercâmbio Cultural
PREFEITURA / UNIVERSIDADE

DE FALLA . . . Dança Espanhola
MOZART . . . Sonata n. 7 em Ré Maior



amanhã

CICLO INTERDISCIPLINAR

FACHADAS: TESTEMUNHO DO PASSADO DE CAMPINAS

Jornalista BENEDITO BARBOSA PUPO

10h.

Professora FULVIA GONÇALVES (Artes Visuais)

a) Exposição sobre as várias fases da vida de Campinas (econômica, administrativa, política, religiosa e social).

b) Projeção de diapositivos (desenhos da Profa. Fulvia Gonçalves).

A palestra focalizará a evolução da cidade, desde sua fundação até a crise da cafeicultura, em 1929. Paralelamente, uma síntese da evolução da arquitetura no Brasil, de acordo com autores diversos, entre os quais o Professor Nestor Goulart Reis Filho, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.



Associação de Engenheiros e Arquitetos de Campinas

REF: AEAC-0326/77

CAMPINAS, 10 DE NOVEMBRO DE 1977

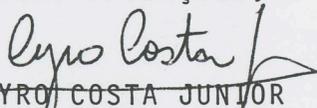
ILUSTRÍSSIMA SENHORA;

Prazerosamente, vimos oficializar o convite formulado à Vossa Senhoria, de proferir palestra nesta Associação sobre " TESTEMUNHO DO PASSADO DE CAMPINAS ".

Esclarecemos a Vossa Senhoria, de conformidade com os entendimentos verbais mantidos, através do Jornalista Benedito Barbosa Pupo, que a Palestra em questão será realizada no próximo dia 23 de Novembro, quarta-feira, às 20:15 horas, no auditório da AEAC, à Av. Dr. Moraes Sales, 884-3º andar.

Sem que outro assunto se faça constar no momento, aproveitamos a oportunidade para apresentar à Vossa Senhoria, nossos protestos de estima e consideração.

ATENCIOSAS SAUDAÇÕES;


ENGO CYRO COSTA JUNIOR
Diretor de Cursos

À ILMA.SRA.

PROFa. FULVIA GONÇALVES

M.D. Professora Colaboradora do

INSTITUTO DE ARTES DA UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS.

13.100-CAMPINAS-SP

FÚLVIA GONÇALVES

memorial

VOLUME 2

**DEPTO. DE ARTES PLÁSTICAS
INSTITUTO DE ARTES
UNICAMP**

FÚLVIA GONÇALVES

Memorial

VOLUME 2

DEPTO. DE ARTES VISUAIS
INSTITUTO DE ARQUITETURA

TEXTO CONSTANTE DO MEMORIAL, PARA APRESENTAÇÃO
DA TESE DE DOUTORADO - 1988 UNICAMP (REFERENTE AOS DESENHOS) 



A PROPÓSITO DOS DESENHOS DE CAMPINAS

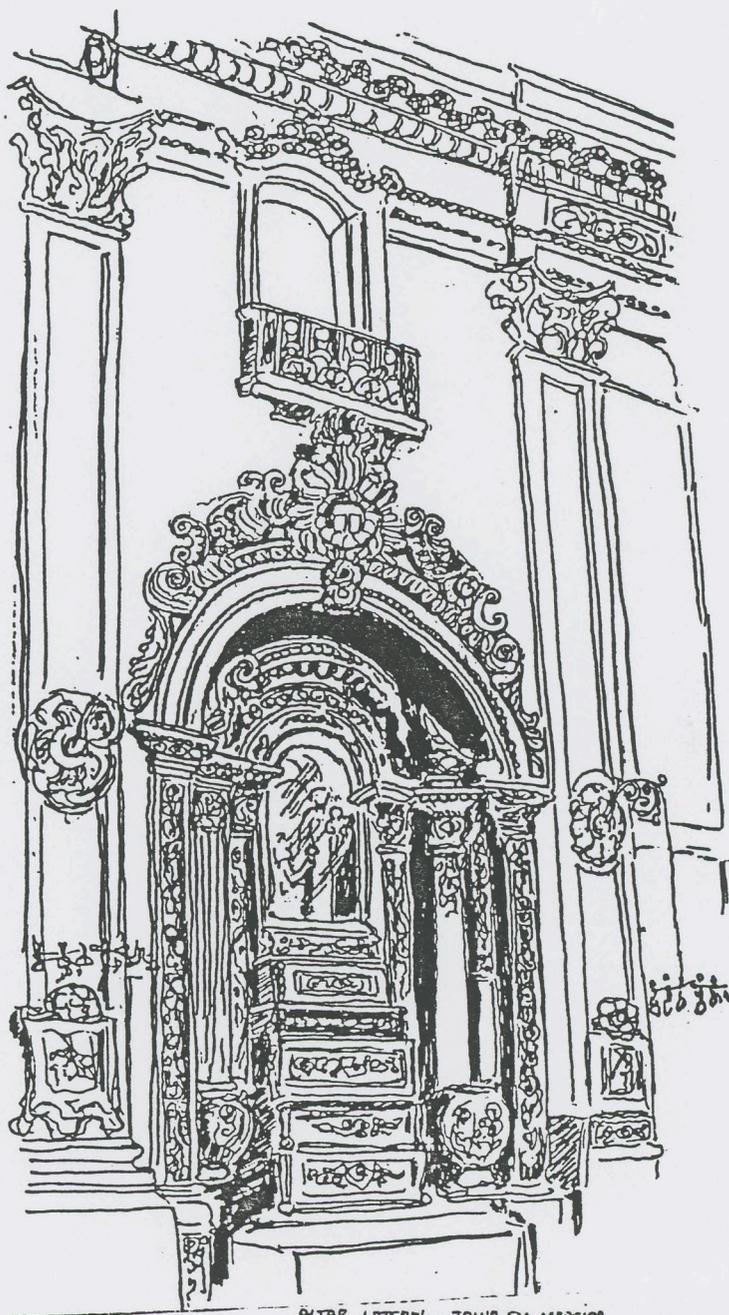
Minha vinda, em 1976, para a UNICAMP, tinha como um dos objetivos implementar minha obra pictórica e sua continuidade como docente num espaço pioneiro. Neste tempo todo de incessante trabalho objetivando cristalizar esse pioneirismo, surgiu interessante oportunidade para um trabalho excepcional. Meu gosto pelo desenho, levou-me sempre a admirar o "Caderno de Ouro Preto", de Darcy Penteado, e as filigranas gráficas com que Carlos Bastos desenhou a velha capital baiana, inesgotavelmente rica de oportunidades nesse sentido. Inspirando-me nessas duas obras, começou a germinar a idéia de fazer algo semelhante tendo Campinas como cenário. A cidade, com seus mais de duzentos anos, ainda guarda alguns vestígios de seu belo passado arquitetônico que precisavam ser preservados através do desenho. Em reuniões do Instituto de Artes da Universidade, fiquei conhecendo o jornalista Barbosa Pupo conhecedor da história de Campinas, autor de crônicas e livros sobre o passado campineiro. Desse contato nasceu a idéia de pesquisarmos juntos, ele os textos e legendas, e eu, os desenhos. No largo período em que visitei os vestígios da velha Campinas e daí produzindo os desenhos, o interesse pelo trabalho cresceu, palestras foram realizadas, artigos de jornais foram publicados e incentivos outros fortaleceram a idéia, já que publicações nesse sentido inexistiam na vida cultural da cidade.

Firmemente decidida a um trabalho sério, fui para o Rio de Janeiro examinar o vol. VII dos "Anais do Museu Histórico Nacional" que se referem à documentação iconográfica, de cidades e monumentos do Brasil. Trata-se de uma publicação de 1953, com aquarelas e desenhos, com textos de Gustavo Barroso, bastante técnico, levando em conta a análise arquitetônica de prédios e monumentos.

Nestor Goulart Reis Filho, ex-professor da FAU e então diretor do CONDEFAHT gostou do trabalho e opinou valiosamente no sentido de que os capítulos devessem ser divididos por assuntos, definindo também o gênero da obra. As aquarelas de Castro Mendes, existentes no Arquivo da Biblioteca Municipal de Campinas, e as fotos históricas do Foto V-8, também foram valiosas para a concatenação do trabalho. Mas a simples observação das fotografias antigas, não seriam suficientes para a desejada força de expressão que eu queria manter nos desenhos. Daí, como disse acima, a minha peregrinação pelas ruas estreitas que tanto caracterizaram a cidade velha, pelos becos, alguns hoje, transformados em cortiços, pelos coretos, fontes, chafarizes e bebedouros, poucos, que ainda existem por aí... Seria sim, uma aventura de traços, ora empíricos, ora eruditos, tentando captar uma atmosfera impregnada de bebedouros e linhas de bondes, colhendo o passado, aprisionando-o num livro.

O aspecto gráfico era, então, importante e teria que ser a nanquim-caneta "Rotrim". Concentrei-me nas páginas do Schoeller, juntei os desenhos em temas - retirando o peso

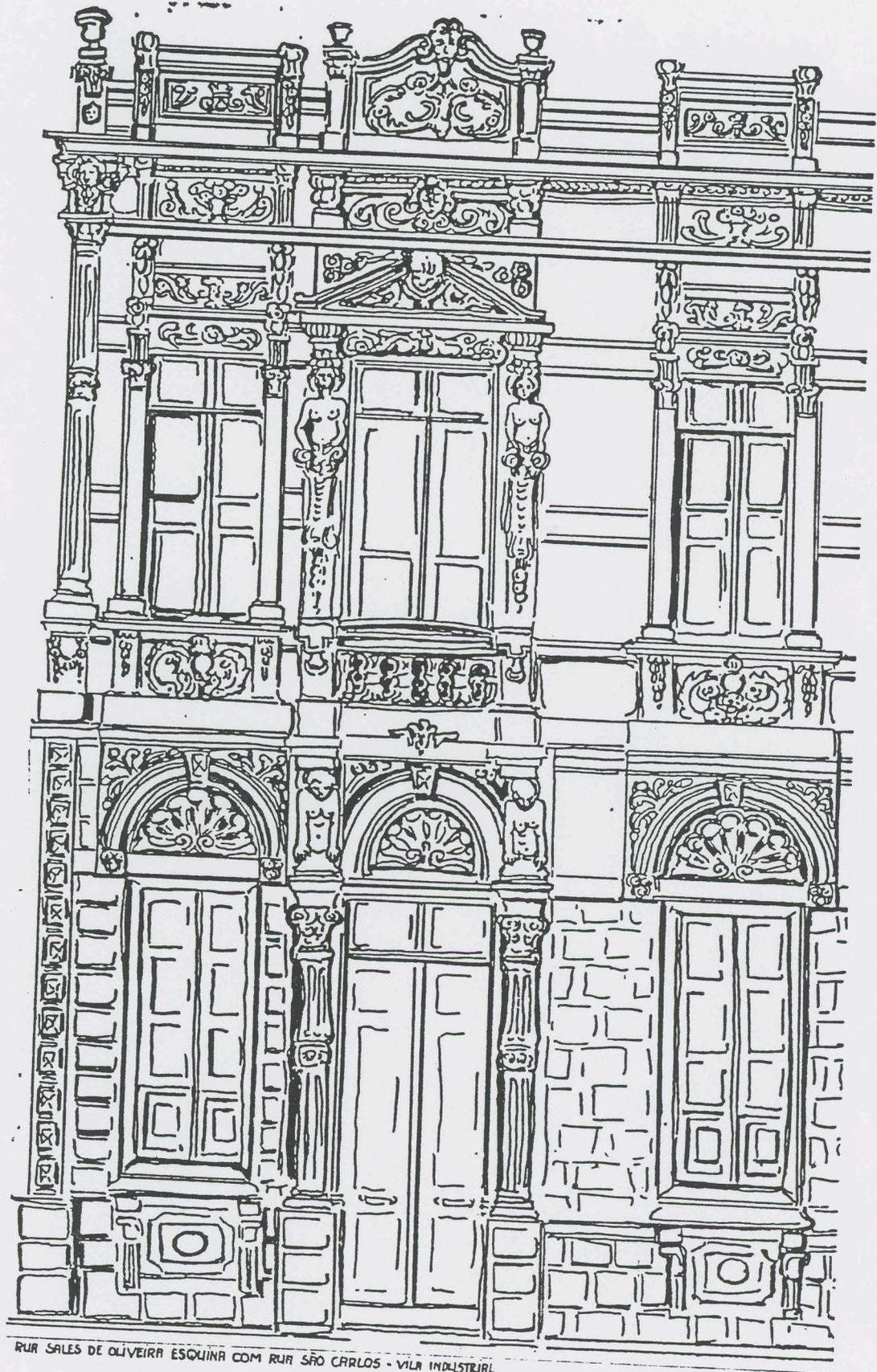
da análise arquitetônica, relacionando problemas para classificações científicas e históricas de possíveis consultas ulteriores. Estaria incluída, contudo, uma grande e consciente contribuição de que o importante para mim seria a arte sem implicações outras que não fôsse a estética do desenho fundamental. Em 2 anos estavam prontos 230 desenhos. Foi feita uma rápida revisão e seleção; em 1986 foi ao prelo pela Editora UNICAMP.



ALTAZ LATERAL - TALHA EM MADEIRA
LATERAL N. SENHORA DA CONCEIÇÃO



JOCKEY CLUB DE CAMPINAS



RUA SALES DE OLIVEIRA ESQUINA COM RUA SÃO CARLOS - VILA INDUSTRIAL

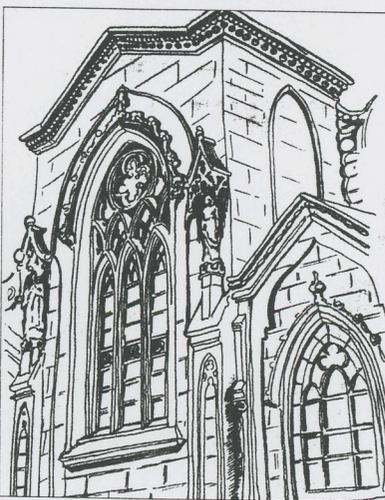
12.1.2003
"CORREIO POP."



BAU DE
HISTÓRIAS



Acima, a entrada do IAC e, abaixo, o Palácio dos Azulejos e a Igreja do Carmo no traço de Fúlvia Gonçalves



Livro revê, a bico de pena, aspectos da paisagem histórica de Campinas

LANÇADO PELA EDITORA DA UNICAMP, PUBLICAÇÃO REÚNE ESCRITOR E ARTISTA

CÉLIA SIQUEIRA FARJALLAT

Fúlvia Gonçalves e Benedito Barbosa Pupo uniram esforço, talento e amor por Campinas para produzir o centésimo livro da Editora da Unicamp, publicado no tempo em que o reitor era o professor doutor Pinotti. Fúlvia, grande desenhista, reproduziu a bico de pena aspectos da paisagem urbana, casas, monumentos, talhas em madeira, púlpitos, altares, o coro e a porta da Catedral de Nossa Senhora da Conceição.

E ainda escadarias, esquinas, fachadas, sobrados, o Mercado das Andorinhas, portas de vendas, o Beco do Inferno, bondes de burro, trechos da antiga Rua do Rosário (hoje Francisco Glicério), praças. São, ao todo 165 desenhos feitos com talento e perfeição, que fixaram para sempre, em maravilhosa documentação iconográfica, aspectos da cidade antiga, desconhecida das novas gerações.

O saudoso jornalista Barbosa Pupo em seu constante e arrebatado amor à cidade, explicou

a estrutura da sociedade colonial brasileira, que, segundo Sérgio Buarque de Holanda em "Raízes do Brasil", repousa fora das cidades. Foi somente a partir de 1888, com a Abolição da Escravatura, que a vida brasileira se deslocou do campo para a cidade, e que se implantou a urbanocracia. Baseando-se no depoimento do arquiteto Nestor Goulart Filho, na obra "Quadro da Arquitetura no Brasil", o jornalista Barbosa

Casarões, praças e monumentos estão entre os destaques da edição

Pupo traçou com maestria a história da evolução dos padrões arquitetônicos, do tipo de residências, das transformações, da influência da cafeicultura, substituindo a cultura canaveieira. Enfim, examinou, rapidamente, os estilos predominantes através dos anos: colonial, neoclássico e eclético.

Nos países civilizados, há constante preocupação em se preservar o passado em todas as suas manifestações. Lá, na Itália, França, Inglaterra, Bélgica, Holanda, Estados Unidos, Canadá e outros, as cidades conservam o lado antigo, "a cidade velha", como também incrementam os quarteirões novos, dotando-os de tudo quanto o progresso inventou para o

conforto do homem atual. O observador, quer seja residente ou turista, consegue perceber, e sobretudo, sentir como viviam os antepassados, como eram suas casas, seus meios de transporte, o comércio e a indústria.

Aqui, costumamos destruir os vestígios do passado. Ainda bem que existem instituições, que lutam pela preservação de alguns ambientes, de trechos de ruas, de casas. Daí a importância de livros como os de Fúlvia Gonçalves e Barbosa Pupo, bem como de iniciativas como as da Unicamp guardando arquivos e documentos.

O livro "Testemunhos do Passado Campineiro" é uma gostosa caminhada nostálgica, como disse Jaime Pinsky, no prefácio. Uma caminhada lenta e romântica, traçada pelos dois pesquisadores, que tanto trabalharam pela preservação da memória campineira.

Célia Siqueira Farjallat é cronista do Correio

PARTICIPE DO BAÚ

A seção Baú de Histórias resgata, sempre aos domingos, episódios que foram motivo de reportagem no passado. Leitores que quiserem sugerir temas para a coluna podem escrever para a Redação do Correio ou enviar e-mails (adriana@opopular.com.br ou lokarski@opopular.com.br).

2003

Estação
Ferroviária de
Campinas



CIDADE que comemora
228 anos hoje ainda espera por uma
política de conservação de seu PATRIMÔNIO histórico

Para rever

Daniela Prandi
daniela@cpopular.com.br

Educar o olhar, apontar o que deve ser preservado e apreciado. Ensinar à população que a cidade merece mais e melhores cuidados. Ao chegar aos 228 anos, Campinas espera que seus habitantes desenvolvam consciência histórica. “É preciso dar motivos para que as pessoas saibam o quê e por quê valorizar o que tem de ser valorizado”, diz o escritor Sérgio Vale.

Sua proposta é que os órgãos competentes ou algum mecenas patrocinem um programa de sinalização da cidade. “Além de mapas e placas sobre o patrimônio histórico do Centro, as fazendas também deveriam ser catalogadas”, completa.

Para a artista plástica Fúlvia Gonçalves, cujos desenhos ilustram esta reportagem de **Metrópole**, a população de Campinas está perdendo a percepção para o belo.

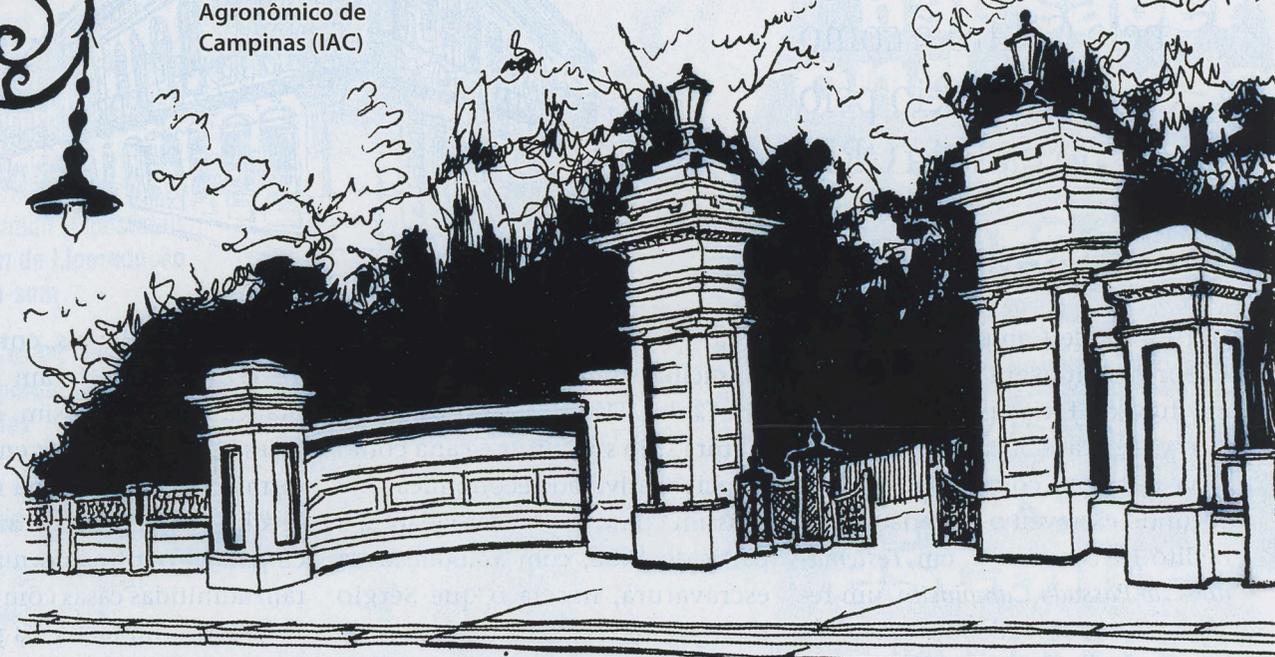
Em 1977, a artista iniciou suas andanças pela cidade, munida de papel e caneta, e soube olhar o que deveria ser olhado. Ao cruzar seus desenhos com fotos e ilustrações antigas, Fúlvia montou o livro *Testemunhos do Passado Campineiro*, junto com o historiador Benedito Barbosa Pupo, que morreu recentemente. Editado pela Unicamp, o livro, como todo tesouro, é difícil de ser encontrado pois sua edição está esgotada.

Enfrentar o ritmo que a cidade impõe, numa velocidade incontável apesar dos radares eletrônicos, e exercitar uma parada, um olhar. É o que recomenda a historiadora Daisy Serra Ribeiro, coordenadora do Patrimônio Histórico Cultural de Campinas. “Há muito a se ver e muito a se preservar”, diz. A observação mais atenta, garante, trará à superfície as várias camadas de história da cidade, como se fossem uma prospecção geológica.

Para a historiadora, a importância de se preservar o patrimônio começa com ações educativas. Um dos programas realizados na cidade



Na Av. Barão de Itapura, entrada do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC)



Campinas

é o “Patrimônio na Escola”, que tem entre seus coordenadores o artista plástico Fernando De Bittencourt.

Para o artista, ensinar as crianças a olhar para o que a cidade oferece como referência de seu passado e suas pistas para o futuro pode transformar e inspirar corações e

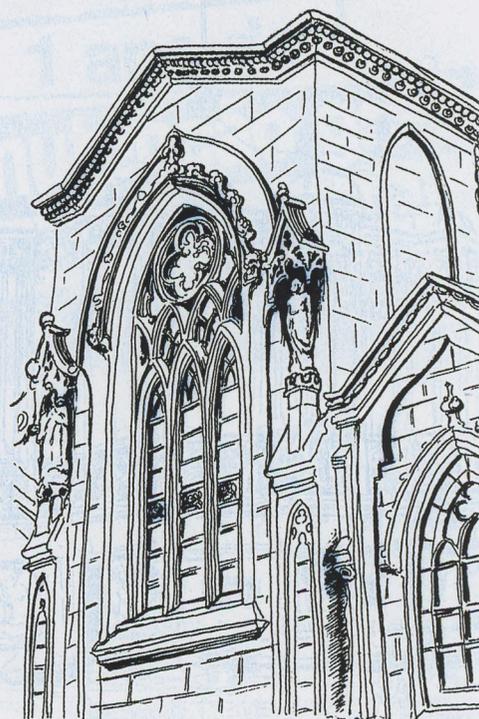
mentes. “No Exterior, aprende-se a importância da preservação desde criança. É o que falta por aqui”, afirma.

Bittencourt é um fã dos monumentos de Campinas. “São obras de arte a céu aberto, exemplares únicos rodeados por áreas verdes

ou da arquitetura de uma determinada época”, define.

E, para quem aponta o desenfreado desenvolvimento econômico como o culpado por essa incapacidade de olhar que tem acometido a população de Campinas, o economista João Manuel Cardoso de Mello rebate: “Desenvolvimento econômico não causa destruição”. A Europa que o diga.

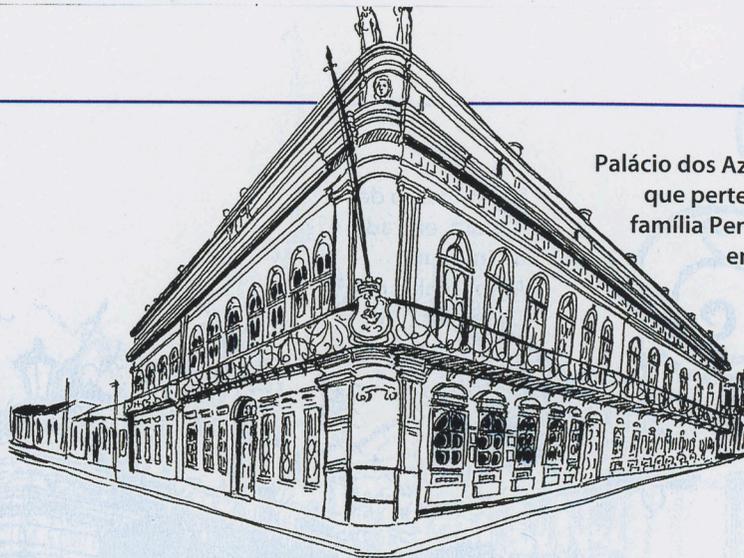
Mello, que chegou a Campinas em 1967 para coordenar os ensinamentos econômicos na então recém-fundada Unicamp, dá a receita para que a cidade rebata o que define como experiência anárquica. “Precisamos de políticas de preservação eficientes”.



Fachada lateral da Igreja do Carmo

Preservação

Uma PEREGRINAÇÃO pelo Centro é como um passeio pelo fio da HISTÓRIA



Palácio dos Azulejos,
que pertenceu à
família Penteadó,
em 1878

Testemunha do tempo

A história de Campinas começa a ser traçada em 1722, após a abertura da Estrada dos "Goiazes", que desencadeou a formação de uma pequena comunidade rural. Segundo escreveu o historiador Benedito Barbosa Pupo, em *Testemunhos do Passado Campineiro*, um recenseamento realizado em 1767 apontava a presença de 53 sítios, com "265 almas".

Com a substituição da lavoura de subsistência pela cana-de-açúcar, o

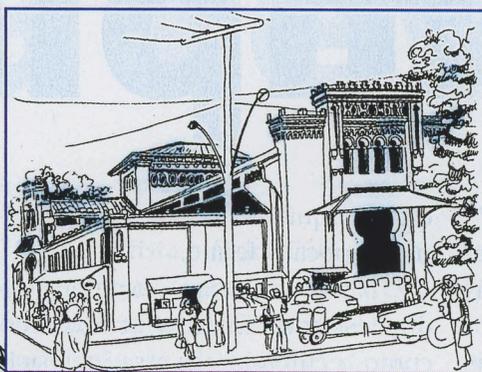
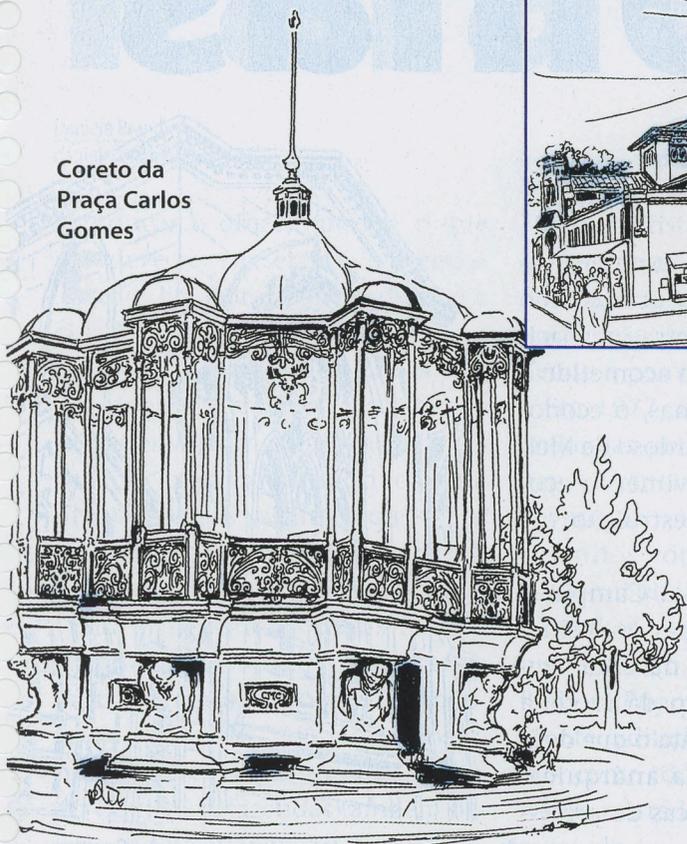
então povoamento foi elevado a município com o nome de Vila de São Carlos. Décadas depois, o cafeicultura veio substituir a cana como principal atividade econômica.

Assim como em outras cidades, a partir de 1888, com a abolição da escravatura, nascia o que Sérgio Buarque de Holanda chamou de "urbanocracia", em *Raízes do Brasil*.

Campinas começou a prosperar e os planos urbanísticos estabelecidos pelo governador da Capitania

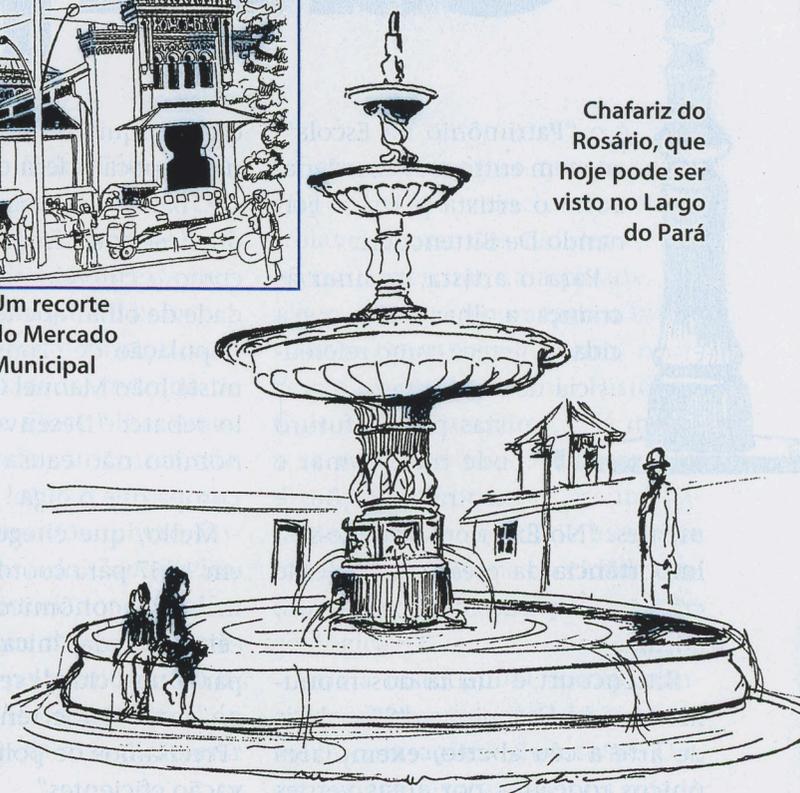
Morgado de Mateus, entre os anos de 1765 e 1775, foram postos em prática. Surgiam, assim, sobrados e casas térreas dispostos em ruas uniformes. Foi somente na metade do século 19 que o padrão arquitetônico passou por transformações e foram admitidas casas com jardins ou recuadas, com fachadas pomposas. Ainda hoje parte dessas construções históricas pode ser conferida durante uma peregrinação pelo Centro de Campinas. ■

Coreto da
Praça Carlos
Gomes



Um recorte
do Mercado
Municipal

Chafariz do
Rosário, que
hoje pode ser
visto no Largo
do Pará



Cultura e Conhecimento

Gonçalves do Amaral

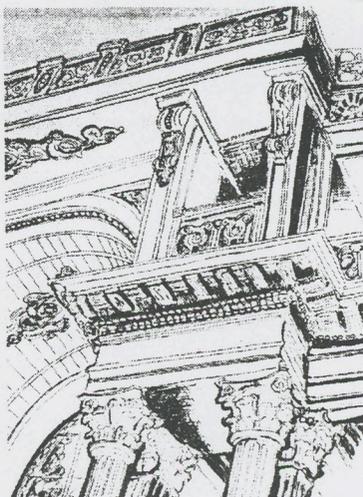
O Livro da Semana:

**“Como Campinas
ficou linda no livro
da Fúlvia Gonçalves”**

A frase que dá título a esta notícia foi proferida pelo poeta José Aristodemo Pinotti em recente pronunciamento. E aqui usada por expressar bem a sensação do leitor de “Testemunhos do Passado Campineiro” (Editora da Unicamp), ao surpreender uma cidade na qual possivelmente ele nunca tinha atentado para os conjuntos, ângulos e detalhes que a sensibilidade de uma artista conseguiu recolher no seu traço sinuoso e estilizado. Chafarizes e escadas, portadas e rosáceas, fachadas e interiores, travessas e vilas. São 169 desenhos a traço, e nãquim surpreendendo imagens de uma cidade que se reconstruiu ou então conseguiu preservar até hoje.

Uma obra digna de celebrar dois eventos: o 20º aniversário da Unicamp e o 100º lançamento de sua editora. Artista premiada “Fúlvia Gonçalves” é professora de desenho e plástica no Instituto de Artes da Unicamp, tendo um curriculum rico pela numerosa e variada produção. O livro traz a apresentação — “Uma caminhada nostálgica” — do professor Jaime Pinsky, diretor da Editora

da Unicamp, tendo um texto introdutório — “As construções antigas de Campinas” — do jornalista Benedito Barbosa Pupo que descreve a evolução econômica da cidade e seus reflexos na arquitetura urbana e rural, bem como ainda a tessitura das ruas e logradouros, a conformação da morada e algumas das transformações que sofreram as construções nesses mais de duzentos anos de história de Campinas. Os desenhos de Fúlvia não buscam a reprodução precisa, mas a representação do traço original — sem tirar-lhe ou deformar o risco — conferindo antes personalidade no detalhe e no conjunto. Portanto, uma dimensão artística e ao mesmo tempo histórica.



Uma edição crítica de Os Sertões

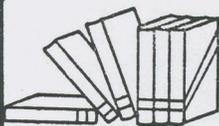
Entrevista com Giovanni Agnelli

Presidente da Fiat e um dos mais conhecidos e admirados capitães da indústria do nosso tempo, Giovanni Agnelli dá uma entrevista mostrando sua visão de empresário, relação com os sindicatos e com o operariado. O volume Agnelli — Vista Sobre o Capitalismo Moderno” (Civilização Brasileira) inaugura a Coleção “Ensaio-Debates-Entrevistas”.

Um relato simples e honesto feito a Arrigo Levi.

AGNELLI

realizada por Arrigo Levi



LIVROS

Adir Gigliotti

Testemunhos do Passado Campineiro

A artista plástica e professora Fúlvia Gonçalves e o jornalista Benedito Barbosa Pupo enviam este livro, que só tem a acrescentar pontos positivos no trabalho e na carreira desses dois intelectuais, permanentemente voltados para o panorama das artes. Fúlvia é brilhante nas ilustrações, na retratação e na recomposição de um passado campineiro que clama por fiéis defensores de sua conservação, enquanto dele restar alguma coisa. O texto introdutório de Pupo — breve, objetivo, de farta pesquisa — dá bem a posição ao leitor de toda a história e do talento que ele vai encontrar nas páginas seguintes. São 169 desenhos a traço, a nanquim, para os quais as antigas gerações só podem dedicar respeito e admiração. O que dizer, então, das novas gerações que, pelas mãos de Fúlvia, podem guardar imagens importantes de seu passado? Parabéns ainda à editora da Unicamp, que reservou o seu número 100 a esta edição. "Este livro é um presente da editora e da Universidade à cidade de Campinas", escreve o prof. Jaime Pinski. *Campinas agradece.*

Atividades Ritmadas para Crianças

Excelente o trabalho feito pela profa. Mari Gandara neste livro, complementado por duas fitas cassetes com as músicas que correspondem aos textos. Mari Gandara nasceu em Sorocaba em 1950, formou-se em Educação Física na Pucc, onde leciona "Ritma e Dança" e "Dança na Coordenadoria de Educação Física e Esportes", e onde é também responsável por cursos de extensão e festivais de ritmica. Uma artista é uma artista e ela é ainda professora de piano e exerce a função de técnica e coreógrafa junto ao Grupo Experimental de Cultura Popular. O seu livro — que ela mesma editou — é resultado de anos de trabalho com música e educação física, numa ampla sequência de esforços para aproximar o cantar do gesticular. O sentido é prático e a autora lembra que a música encontra boa receptividade nas escolas infantis, podendo ser adaptada desde o início até o final do período escolar nas saudações, durante brincadeiras diversas e mesmo por ocasião de comemorações. Danças Folclóricas Nacionais, Danças Folclóricas Internacionais, Cantar e Gesticular, Atividades Ritmadas: Coordenação Motora, Rodas Cantadas e Sequências Ritmadas são as partes que compõem a obra, do mais amplo interesse para diferentes atividades, principalmente Educação. As fitas para acompanhamento musical do livro podem ser obtidas diretamente com a autora, na rua das Hortências, 1026, Chácara Primavera, fone 51-9879 - Campinas.

Unicamp lança livro com imagens de Campinas

- “Testemunhos do Passado Campineiro” é um autêntico documentário iconográfico, resultante de pesquisas de Fúlvia Gonçalves, professora de Comunicação Visual do Instituto de Artes da Puc-camp, e do jornalista Benedito Barbosa Pupo, chefe da Seção de Relações Públicas do mesmo Instituto.
- Fúlvia encarregou-se dos desenhos de prédios antigos, urbanos e rurais, e de outros aspectos da cidade antiga, enquanto o jornalista Pupo escreveu o texto explicativo.
- A finalidade da obra é contribuir para a preservação da memória campineira pela documentação iconográfica. Não se trata de um livro técnico, mas de uma obra preciosa, que procura resgatar pela imagem aspectos curiosos de construções em Campinas, através do tempo.
- A noite de autógrafos vai ser no dia 16, às 20,30h no Tênis Clube.

PASSADÓ CAMPINEIRO — Os textos do jornalista e historiador Benedito Barbosa Pupo, com ilustração da artista Fúlvia Gonçalves, levam o campineiro a uma gostosa, lenta, nostálgica e romântica caminhada pelas ruas antigas e estreitas de Campinas, nas páginas do livro “Testemunho do Passado Campineiro”. A obra será lançada, oficialmente, dia 16 de abril, a partir das 20,30h, no Tênis Clube, na Rua Coronel Quirino, 1.346. Todos estão convidados para o evento, que marca a 100ª publicação da Editora da Unicamp.

EDUCAÇÃO E ENSINO

Testemunhas do Passado Campineiro

A memória das cidades merece ser preservada para conhecimento das novas gerações. E foi, naturalmente, pensando nisso que Fúlvia Gonçalves e Benedito Barbosa Pupo, ambos da Unicamp, resolveram guardar imagens do passado campineiro, em desenhos baseados em fotos ou tirados do natural. Do trabalho destes dois pesquisadores surgiu este livro magnífico "Testemunhas do Passado Campineiro", um livro que todo professor e todo estudante devem ler, um livro que é, antes de tudo, uma caminhada pelas ruas antigas e estreitas de Campinas, conforme disse Jaime Pinsky.

Não se trata de um livro compêndio de História, nem de um manual de arquitetura colonial — acentua Pinsky. Por vezes, Fúlvia reportou-se a obras antigas para criar seus desenhos — o que estava nas ruas não era o bastante para servir de modelo. Por isso ele é um testemunho, com tudo o que uma obra de lembranças permite de subjetivo.

O jornalista Pupo, que é um especialista com faro de autêntico pesquisador, escreveu o texto, contando como se fez o povoamento da região campineira; fala da introdução da cultura de cana-de-açúcar, do progresso, da Vila de São Carlos, das lavouras, das velhas fazendas. Referindo-se às construções da zona urbana, registra os dois tipos de habitação — sobrado e casa térrea, o primeiro demonstrando a riqueza, e a segunda, de chão batido, a pobreza. Campinas, acentua o jornalista Pupo, ao contrário de muitos núcleos urbanos, pode ser considerada uma cidade criada. E fica-se sabendo que na construção das residências mais importantes eram empregados pedra e barro, e mais raramente, tijolo e cal, com técnicas geralmente primitivas. Paredes de pau-a-pique ou taipa de pilão constituíam os elementos das construções mais simples.

Tudo isso, e muito mais ainda, estão no texto deste livro, um resumo perfeito do nascimento, infância e juventude de Campinas, feito por quem entende a fundo do assunto; fornecendo informações preciosas para o estudioso.

E Fúlvia Gonçalves fez o levantamento arquitetônico em 169 desenhos, à traço, a nanquim, que bem evidenciam a artista maravilhosa que é. O trabalho de ambos, de que resultou este precioso livro, é um deleite também para os campineiros da terceira idade, que guardaram no fundo da memória os traços da cidade de sua infância e adolescência. Aspectos das ruas antigas, velhas fachadas coloniais, a silhueta dos bondinhos, inclusive daqueles de tração animal; os lampiões de gás, velhos repuchos, o Mercado das Andorinhas; antigos armazéns com suas portas de venda; os açougues com suas portas com varetas de ferro; os sobrados austeros; a Catedral com numerosos detalhes; o Convento da Praça XV de Novembro — Largo de Santa Cruz; o chafariz do Largo do Rosário, hoje no Largo do Pará... Tudo isso Fúlvia captou com traço perfeito, avivando nossa memória. E ainda, desenhou algumas sedes de antigas fazendas, as senzalas e as casas de colonos.

Em rápidos traços, eis um livro para ser saboreado, lido e meditado, nascido para encantamento dos mais velhos e revelação aos mais moços. (Editora Unicamp — Volume 100°).

CNPq quer criar institutos multinacionais de pesquisa

O presidente do CNPq, professor Crodowaldo Pavan, defendeu a criação de institutos multinacionais de pesquisas, capazes de agrupar pessoas de várias nações e de laboratórios para a formação de novos técnicos e outros tipos de cooperação entre países latino-americanos. Segundo Pavan, esta seria "a única fórmula de diminuir a defasagem crescente de pessoal nas áreas de ciência e tecnologia em relação ao progresso das nações desenvolvidas". O primeiro passo nesse sentido será dado no 1º Congresso sobre Tecnologia, promovido no Brasil pela Organização Latino-Americana de Colégios e Conselhos Profissionais de Engenharia, Arquitetura, Agrimensura, Agronomia e afins. O congresso vai de 11 a 15 de maio, no Centro de Convenções de Brasília, reunindo profissionais de vários países para debater

o tema "A Tecnologia na Integração Latino-Americana".

Escola aberta para a terceira idade

Esta escola mantida pelo Sesc/Campinas possui programa destinado a pessoas idosas, aposentadas ou não. Além de atividades de complementação social e recreativa, desenvolve programa de difusão cultural. Seu funcionamento normal é às sextas-feiras, das 14 às 17 horas, tendo este mês de abril focalizado temas como "A Importância da Yoga e seus benefícios" (Ariete Ribeiro); "Orientação prática sobre nutrição alternativa" (Jane Vila Nova, professora de Alimentação Natural); Semana do Índio, com projeção do filme Xingu; palestra sobre Serigrafia e Xilogravura, e ainda Arquitetura Colonial Brasileira, com Clodomiro Lucas, gravador e artista plástico. Inscrições no próprio Sesc, fone 32-9299.

História: restauradores tentam salvar as pirâmides

O Egito dos faraós e das pirâmides é capítulo fascinante da História Universal. Pois agora, é bom saber que o Egito moderno está recrutando mil especialistas para salvar as pirâmides de Gisé e a Esfinge dos danos provocados por lençóis de águas subterrâneas, assim como dos efeitos do vandalismo e do crescimento urbano. O Departamento de Antiguidades do Cairo, pretende reforçar a estrutura da grande pirâmide de Keóps, a mais antiga de Gisé, reformar suas salas sepulcrais e restaurar as ruínas dos templos funerários. O custo será de US\$ 7 milhões.

Merenda estragada: 30 toneladas

Os jornais acabam de noticiar mais um crime contra os escolares e a economia popular: 30 toneladas de merenda escolar do município de São Paulo estão estragadas por contaminação de bactérias e ratos, e vão ser incineradas. A ordem veio do Departamento de Controle e Vigilância Sanitária da Secretaria Municipal de Abastecimento, e todo este material estava no depósito da Secretaria da Educação e do Bem Estar Social. O local é impróprio para armazenamento do macarrão, feijão e outros produtos, que, ou foram devolvidos pelas escolas, ou esquecidos de aproveitamento adequado. Assim, enquanto crianças da periferia da Capital voltam famintas para casa, porque não receberam merenda, e enquanto suas famílias também vivem em regime de fome e de miséria, autoridades deixam que produtos alimentícios se estraguem, ou sejam comidos pelos ratos. Afinal, que País é este?

LIVROS

papirus

livraria - editora

LIVROS ESCOLARES E UNIVERSITÁRIOS DE TODOS OS NÍVEIS
crediário próprio

Sacramento, 114 e 202 - Barão esq. c/ Bernardino de Campos
fones 8.6422 - 2.9438 - 32.5753 e 8.3742 - Campinas

Ano II • Número 22 • São Paulo, março de 1984

D.O. *Leitura*

Publicação Cultural da Imprensa Oficial do Estado

MEMÓRIA

CAMPINAS no começo do século

A cidade de Campinas, hoje a maior do Interior paulista, é importante centro irradiador de cultura desde o tempo do Império. Suas atividades no campo intelectual, nos primeiros anos deste século, são lembradas por uma testemunha de muitos dos fatos aqui narrados.

Texto de Benedito Barbosa Pupo
Ilustrações de Fúlvia Gonçalves



"Casa Livro Azul", ponto de reunião de intelectuais.

Para a
Silvia, uma
colaboração
do nosso
Biblioteca.
25/7/84

A vida cultural de Campinas foi muito intensa no início deste século, época que se situa entre dois eventos de grande significação para a cidade. Foram eles a febre amarela que grassou aqui de maneira assustadora, no último quartel do século XIX, ceifando vidas e provocando o êxodo de parte da população, e a crise financeira norte-americana, cujos reflexos na vida brasileira foram os mais desastrosos possíveis, aniquilando a nossa cafeicultura, sustentáculo da economia nacional.

Graças à ação do médico sanitário Emiliano Ribas e do engenheiro Saturnino de Brito, que a saneou com seu plano racional de defesa da cidade contra o mosquito vetor da febre amarela, Campinas retornou à sua vida normal, como atestam os acontecimentos ocorridos a partir de sua convalescença. Assim é que já na última década do século passado, muitos eventos auspiciosos prenunciavam, que o século a se iniciar em 1901, seria rico de atividades, nas várias áreas da vida campineira. Campinas, com a substituição da monocultura cafeeira pela policultura, refazia-se economicamente, ao mesmo tempo em que os outros setores de suas múltiplas atividades evidenciavam grande vitalidade, principalmente no que se refere à cultura.

Ao iniciar-se este século, Campinas era uma grande igreja cercada de casas por todos os lados. Contrastando com o casario rasteiro, onde um ou outro sobrado erguia-se timidamente, a imponência da futura Catedral Metropolitana, dominando a paisagem urbana, impunha-se aos olhos de quem lançasse suas vistas pelo aglomerado urbano, de qualquer ponto dos campos ou lavouras adjacentes. O município possuía então cerca de 70 mil habitantes, dos quais provavelmente 50 mil estavam na zona rural. A sua área arruada e edificada era de 13 mil metros quadrados.

O século XIX legara para Campinas duas instituições que congregavam valiosos elementos altamente qualificados nas ciências e nas letras, os quais, logo no alvorecer do século XX, iriam criar o Centro de Ciências, Letras e Artes, cuja fundação se deu a 31 de outubro de 1901. A origem desta agremiação, que tanto prestígio deu à cidade, naquela época, pela sua ação no campo da Cultura, deve ser procurada nas instituições surgidas no último quartel do século passado: o Instituto Agrônomo e o Ginásio do Estado, fundado o primeiro em 1873 e o segundo em 1887.

O "Centro"

A idéia primitiva de fundar-se um grêmio para estudos das ciências naturais foi ampliada com a adição do culto às letras e às artes. Teria a entidade, segundo se deduz do projeto de estatuto então elaborado, a finalidade de promover e propagar essas ciências (a química e a botânica) e das que com elas se relacionassem. Especificava-se, ainda, que caberia à entidade contribuir para melhorar a agricultura e a pe-

cuária do País, vulgarizar os estudos das moléstias das plantas e dos animais, bem como os meios de debelá-las. Eis mais um item importante: "Esforçar-se pela adoção e prática de leis florestais e protetoras da fauna e flora brasileiras".

O primeiro nome proposto para a agremiação foi mudado para "Centro de Ciências, Letras e Artes", por sugestão de Coelho Neto. Dando muita ênfase às ciências, a nova agremiação campineira não daria muita importância no início de suas atividades aos outros setores. Este fato é enfatizado tanto por Pelágio Lobo como por Carlos F. de Paula. O primeiro, falando do "Centro" por ocasião do quinquagésimo aniversário de sua fundação, disse textualmente, referindo-se ao programa primitivo: "Esse programa encaminha a estudos de ciências naturais afastava da organização elementos valiosos". Se a crítica de Pelágio Lobo nes-

com a ajuda preciosa de D. Gaby. Num deles, chamado Sarau de Estímulo, realizado a 13 de maio de 1902, no programa que ainda possuo, impresso em duas cores com intróito das três partes, a primeira com a profonía do *Guarani*, a segunda com *As Estações*, episódio romântico de Coelho Neto com música de Alberto Nepomuceno — leio os nomes de três "speakers" juvenis aos quais Coelho Neto confiara o exórdio explicativo, numa linguagem cantante de que ele tinha o segredo e tão bem se casava com os temas musicais que ali se desenvolviam. Esses meninos, hoje sexagenários, eram Tasso de Magalhães, Martim Egidio Nogueira e Pelágio Lobo. Corriam paralelas essas atividades: aqui as pesquisas e debate científicos e no Livro Azul e no palco do Clube Campineiro os saraus em que o bom-gosto e o espírito artístico do casal Coelho Neto finalmente cintilavam".

usados na Universidade de São Paulo a partir de 1934, Gustavo Enge lecionava no Ginásio do Estado a matéria por um método mais científico e mais condizente com as necessidades do ensino.

O "Cultura Artística"

Não cabe aqui a história completa do Clube Semanal de Cultura Artística, agremiação de grande significação na vida cultural de Campinas no período em foco, mas é preciso que se diga alguma coisa a seu respeito para situá-lo no panorama da cultura campineira. O Clube resultante da fusão do "Clube Semanal", sociedade de dança fundada em 1857 e do "Grêmio de Cultura Artística", surgido em 1915, teve intensa atividade no campo artístico do período. Rafael Duarte, em seu trabalho *Crônica do Clube Semanal de Cultura Artística: Página da História de atividade da agremiação em seus primeiros anos de vida*: "No decurso de 1914, aos derradeiros meses desse ano, reunimo-nos à noite no salão do Clube Campineiro, então instalado no prédio atualmente ocupado pelo Clube Semanal de Cultura Artística, Jorge H. Klier, Otávio Neto, Fritz Gotwald e quem esta redige; os três primeiros em um "trio" magnífico de piano, violino e violoncelo e o quarto como redator dessas excelentes "serestas" musicais preparadas pelos exímios musicistas. Tais ensaios de per si constituíam brilhantes interpretações de clássicos consagrados. Foi então que nos ocorreu a idéia de se criar um Grêmio de Cultura Artística, aproveitando tão excelentes elementos, indispensáveis ao bom êxito da idéia."

Conta-nos ainda Rafael Duarte que o sócio do novo Grêmio, Sr. A.B. de Castro Mendes, cedera para sede da agremiação a sua sala de trabalho na Casa Livro Azul, estabelecimento de sua propriedade.

Uma orquestra "composta de algumas senhorinhas violinistas e diversos senhores sócios e mais alguns elementos a convite da Diretoria — escreveu o cronista citado — apresentando um conjunto de trinta ou mais executantes" foi organizada, sendo nos primeiros tempos dirigida pelo violinista professor Fritz Gotwald. Na década de final 30 ainda eram frequentes os saraus culturais proporcionados pelo Clube dos quais participavam os maiores nomes das letras e das artes, principalmente da música. Guiomar Novaes ali tocou muitas vezes.

O "Clube Livro Azul"

Fundada em fins de 1876 pelos Srs. Antônio Benedito de Castro Mendes e Joaquim Roberto Alves, a Casa Livro Azul iniciou-se modestamente como oficina encadernadora. Naquela época, os impressos eram feitos apenas na "Gazeta de Campinas" (primeira fase), em "O Constitucional" e no "Diário de Campinas". Durante a sua existência teve papel relevante na cultura campineira, não só como empresa gráfica, editora de livros, como no desenvolvi-



Vista da torre da Catedral. À direita, o Centro de Ciências, Letras e Artes.

se trecho citado se restringe ao programa, Carlos F. de Paula, em sua *Monografia*, vai além ao referir-se às atividades artísticas e literárias do "Centro", no capítulo "O Clube do Livro Azul, complemento musical e artístico do Centro": "A parte literária e musical não tinha ainda guarda no Centro, que era de feição provector. Dele se deslocara para a sede da Casa Livro Azul convertida em Clube Livro Azul e, mais tarde, quando da representação de *A Pastoral*, de Coelho Neto, para o Teatro São Carlos. Em 1902, enquanto no "Centro" seus fundadores dissertavam sobre temas científicos, Coelho Neto iniciava os seus saraus, dando início à série dos que visavam a valorizar a música brasileira e as cantigas populares dentro de programas que o seu bom-gosto compunha

Um inventário completo das realizações do "Centro" seria impraticável neste relato em que procuro focalizar aspectos (apenas alguns) da cultura campineira naquele período de trinta anos. A Revista é uma delas. Outra promoção da entidade eram as conferências, depois publicadas na revista. Os mais palpitantes assuntos eram focalizados e debatidos pelos que compunham o quadro dos sócios efetivos ou correspondentes, assim como convidados. No "Centro", Gustavo Enge, lente de Geografia do Ginásio do Estado, fez várias conferências sobre a geografia moderna. Foram essas conferências o brado de alerta para a renovação do ensino geográfico em nosso país. Adotando os métodos posteriormente preconizados por Delgado de Carvalho e cerca de trinta anos depois

2 Fachada do Teatro São Carlos, demolido em 1922.



mento da música, na qualidade de vendedora de pianos. De 1888, ano em que recebeu os primeiros pianos, até 1926, quando comemorou o seu quinquênario, a Casa Livro azul havia vendido em Campinas cerca de 500 desses instrumentos, segundo depoimento de seu proprietário, Sr. Castro Mendes.

É preciso levar-se em conta que no início do século havia aqui outras casas, como a Genoud, Mascote e outras, também vendedoras de pianos. Havia naquele tempo verdadeiro culto do piano, a que poderíamos chamar de pianolatria campineira. A Casa Livro Azul possuía um salão em que se reuniam os afisionados da música e das palestras literárias, o que deu origem ao "Clube Livro Azul", fundado em 1903. Lê-se num relatório do próprio estabelecimento que ali se realizavam os "Concertinhos Livro Azul", em que tomavam parte todos os amigos da casa, apreciadores das artes e elementos de destaque da sociedade campineira.

Coelho Neto era figura de destaque nas reuniões. Em 1903, a pedido do Sr. Castro Mendes, se propôs a escrever um apólogo para ser representado pelo Natal. O apólogo se transformou numa peça em três atos, exigindo grande montagem, razão por que se tornava impraticável a sua apresentação no "Clube". Foi transferida para o Teatro São Carlos, sendo representada na noite de 25 de dezembro daquele ano, com grande êxito. Dedicada pelo autor ao Sr. A.B. de Castro Mendes, A Pastoral voltou a ser encenada em Campinas em 1933 sob a direção do teatrólogo conterrâneo Amilar Alves, neto de Joaquim Roberto Alves, encarregando-se da representação um grupo de amadores de nossa terra. Posteriormente à apresentação de 1903, A Pastoral foi representada no Rio de Janeiro, no auditório da Feira de Amostras de Lisboa.

Na edição definitiva dessa obra, publicada pela Livraria Chardron em 1923, o autor finaliza o prefácio com esta exaltação a Campinas: "Campinas, cidade formosa e amena, onde colhi um trevo de ventura do qual me tomaste uma das folhas, que pena eu tenho de não poder gravar em estrofes perenes todo o bem que te devo e a grande saudade que de ti conservo no mais íntimo do coração".

Coelho Neto e Euclides da Cunha

Vindo residir em Campinas, para no ginásio oficial da cidade reger a cadeira de Literatura, Coelho Neto desenvolveu aqui grande atividade em favor de nossa cultura, não só no magistério como fora dele, congregando em torno de si grande número de intelectuais e artistas. Aqui ele conheceu, a 1.º de novembro de 1902, Euclides da Cunha, que veio a Campinas especialmente para ler os originais de *Os Sertões* para o escritor maranhense. Eis o que escreveu a propósito de sua fixação aqui:

"Assim pensando dentro de mim quando deixei o Rio, mudando-me para Campinas, resolvi implantar-me na

cidade radicando-me no seu solo, familiarizando-me com a sua gente e tão bem o fiz que o tempo que ali vivi — e foram três anos! — passou tão rápido que hoje, se o recordo, tenho-o por um sonho feliz, desses que a gente lastima que se não cumpram e deseja readormecer para os continuar."

No prefácio à *Pastoral*, escreveu Coelho Neto as palavras que se seguem, pelas quais o leitor fica sabendo como surgiu a peça:

"Este *evangelho*, escrito em dois dias para a vigília do Natal que pre-

tendíamos celebrar na casa do presidente do Clube do Livro Azul, com a colaboração artística que lhe deram a meu pedido Henrique Oswald, Francisco Braga e Alberto Nepomuceno e o corpo de coros da sociedade alemã Eintracht, tanto avultou que foi necessário levá-lo para o Teatro São Carlos, onde foi representado na noite de 25 de dezembro de 1903".

Para se ter uma idéia do esmero com que se cuidou do espetáculo basta lembrar que os cenários foram desenhados por Henrique Bernardelli, para

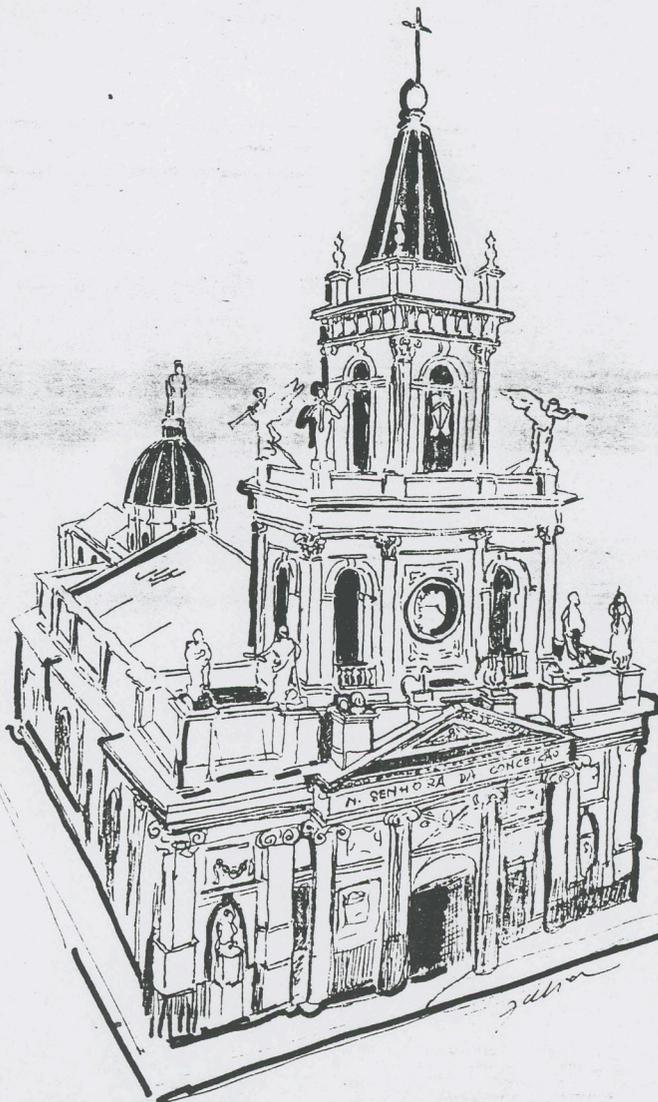
o 2.º ato, e por Julião Machado, para o 3.º, cabendo a Alfredo Norfini o esboço do primeiro. Este artista executou todos os cenários da peça. Os figurinos para as personagens foram cuidadosamente estudados e concebidos, deles se encarregando Rodolfo e Henrique Bernardelli, Aurélio de Figueiredo e Alfredo Norfini. A música foi executada por uma orquestra de Campinas. "A orquestra, de amadores, na qual havia desde um deputado federal (2.º violino) até um sapateiro (trombone) — é o próprio Coelho Neto que nos conta — foi ensaiada por um guarda-livros, Olegário Ribeiro. Os coros da Eintracht foram dirigidos pelo professor Iahn. Francisco Braga e Alberto Nepomuceno foram expressamente a Campinas para reger a orquestra nas duas primeiras noites. A montagem foi luxuosíssima".

Sobre o primeiro encontro de Euclides da Cunha com Coelho Neto, na casa da então Rua Francisco Glicério, há um episódio pitoresco, oriundo da brincadeira de alguém. Foi o seguinte: Coelho Neto costumava fazer seus cigarros, ele mesmo, tirando o fumo de um pote que tinha em sua sala. Alguém advertira Euclides: se Coelho Neto apanhar o pote e começar a fazer cigarro, é porque é hora de a visita ir-se... Euclides, levado por César Bierrembach, estava na sala conversando quando Coelho Neto começou sua operação. Levantando-se abruptamente, saiu pisando duro. Da janela, Coelho Neto contemplou esta cena: Euclides indignado e César rindo, desbragadamente... Explicada a situação a Euclides quanto ao hábito de Coelho Neto fazer seus próprios cigarros, paciente e cuidadosamente, sem outras intenções, Euclides, que se hospedara no Hotel Pinheiro, voltou à noite à residência do escritor levando apenas parte dos manuscritos. Coelho Neto ouviu-o sem fumar...

Sobre esse segundo encontro dos dois expoentes de nossa Literatura, escrevi no "Correio Popular" de 27 de abril de 1972 este tópico: "Coelho Neto, preocupado com o interior da casa, onde algo de importante acontece, levanta-se algumas vezes para sondar o que se passa lá dentro. Euclides, desconfiado, acompanha seus movimentos. Eis que chega o Dr. Sousa Brito. Dispensam-se as apresentações, pois Euclides e o médico já se conhecem. Por este, toma conhecimento do que ocorre na casa de Coelho Neto. Alguém está para chegar. Euclides desculpa-se mas volta no dia seguinte para pedir notícias. Anuncia-se-lhe o nascimento do filho de Coelho Neto, Paulo, que no futuro se tornaria também um escritor. Congratulando-se com o pai, Euclides diz: "Este cavalheiro tem obrigação de me querer bem, porque entramos no mesmo dia nesta casa". Despede-se e vai para Lorena.

Benedito Barbosa Pupo é chefe da Seção de Divulgação do Instituto de Artes da Unicamp.

Fúlvia Gonçalves é professora de Linguagem Visual do Departamento de Artes Plásticas da Unicamp.



Matriz de Nossa Senhora da Conceição, inaugurada a 8 de dezembro de 1883, depois transformada na sede do bispado e catedral. Seu primeiro bispo foi D. João Nery.

A iconografia a serviço da memória de Campinas

Benedito Barbosa Pupo



A primeira casa de espetáculos construída em Campinas foi o teatro São Carlos. Inaugurado em 1850, o Teatro São Carlos, cuja fachada está neste desenho de Fúlvia Gonçalves, foi demolido na década de 1921/30, apesar de sua tradição e valor histórico

Quem circula pela cidade, nota a fúria com que se destroem as velhas casas, para em seus lugares construírem arra-céus ou simplesmente se fazerem estacionamentos. Mesmo aquelas mansões que lembram o período da cafeicultura em sua passagem pela nossa Região, não são poupadas. Com isso Campinas se desmemoriza, pois perde aquelas coisas características, que testemunham as várias fases da história da cidade, guardadas desde então apenas na lembrança dos antigos moradores. É claro que se tem de aceitar o progresso e suas implicações na cidade urbana, a não ser que se queira estagnar, não se admitindo inovações tanto na fisionomia da urbs, como no comportamento da população. Manter intactos, como se tenta fazer nas cidades consideradas de interesse histórico como Ouro Preto e muitas outras, os aspectos do passado, é para os defensores do progresso, condenar tais cidades à morte. Na verdade, se se procurar conservar a cidade como ela é ou era em determinado momento de sua vida, fica-se diante de um dilema: ou se conserva o que existe, respeitando-se a tradição ou se rompe com esta e permite-se que o progresso avance.

No caso de Campinas, por exemplo, não se pode ser radical, em se conciliar duas coisas que, para muitos, são antagônicas, se repelem: a tradição e o progresso. Tem a cidade alguns testemunhos do passado, que merecem e devem ser conservados, como a Catedral Metropolitana, a estação ferroviária e o Palácio dos Azulejos. Lamentavelmente, algo de precioso já foi aqui destruído impiedosamente, já foi vítima da sanha de demolidores. Já ruiu por terra, sem razão plausível, o que talvez agora não acontecesse, quando temos o IPHAN e o CONDEPHAAT para zelarem pelas reliquias de interesse histórico. Trata-se do velho teatro que existiu na praça Rui Barbosa, atrás da Catedral, demolido para se construir outra casa de espetáculos bonita, a qual, pode-se dizer, era "bomitinha mas ordinária". De muita altura e pouca profundidade, o Teatro Municipal de Campinas era uma monstruosidade verdadeira aberração arquitetônica. Construído com base num projeto não muito adequado para a exiguidade do terreno, na década de final 30, o Teatro Municipal não oferecia comodidade a grande parte da assistência, pelos defeitos de seu projeto e sua construção. Foi este também demolido como o seu antecessor, o velho, tradicional e histórico Teatro São Carlos. O Teatro Municipal foi demolido com apoio num laudo pericial de técnicas que o condenaram, o que não aconteceu com o São Carlos, de gloriosas tradições e grande valor histórico por ter sido palco de eventos importantes, não só na história de Campinas, como na de São Paulo e mesmo do próprio Brasil. Não cabe aqui nesta crônica soar a iconografia e a memória de Campinas, a enumeração dos eventos ocorridos nesse prédio, que muito tinha a testemunhar da história de Campinas e que causava admiração aos viajantes, como aconteceu com Zaluar, para citar só um. A opinião deste está assim expressa: "O Teatro de Campinas, melhor do que o da Capital, faz honra ao bom gosto e riqueza da população".

Campinas perdeu com a demolição de seu primeiro Teatro São Carlos (Posteriormente, houve outro, homônimo, em outro lugar, destinado a cinema) construído nos meados do Século XIX, grande parte de sua memória, pois essa tradicional casa de espetáculos era um precioso repositório de recordações de eventos artísticos, sociais e políticos, culturais enfim, de que a Princesa D'Oeste foi e continua sendo riquíssima.

Sobre o valor da iconografia a serviço da memória da cidade, que é o tema central desta crônica, temos algumas provas, como, por exemplo, a do serviço que ela prestou à empresa que contratou com a FEPASA - Ferrovia Paulista S. A. a restauração da estação ferroviária de Campinas. Não fosse a documentação fotográfica com que contou a equipe de pesquisadores, não teria sido possível conhecer as várias fases de construção do edifício, que, felizmente, como outros de Campinas, está em processo de tombamento instaurado pelo CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo. Campinas, que possuiu uma requintada aristocracia rural e que viveu seu período áureo no apogeu da cafeicultura na nossa Região, conta com uma documentação sobre as vivendas dos fazendeiros, graças às aquarelas de José de Castro Mendes, o artista campineiro conhecido por ZEK. Preciosa sob todos os aspectos, essa coleção enfiada em álbum, infelizmente é obra rara, hoje, só encontrada em bibliotecas ou nas mãos de alguns felizardos. Outro acervo precioso é o constituído pelo negativo de fotografias antigas, reunidos pelo fotógrafo V-8. Pena que nem todas as fotos possam ter suas datas identificadas.

Já que se fala de documentação iconográfica de Campinas, quero lembrar a atividade de Fúlvia Gonçalves, professora do Instituto de Artes, da UNICAMP, na área da Comunicação Visual. Essa artista, agora radicada em Campinas, fez com base em cuidadosa pesquisa sobre construções curiosas de Campinas, uma série de algumas centenas de desenhos, a traço, a bico de pena, para um livro a ser publicado. Baseada em fotografias antigas, desenhos e pinturas, essa minha companheira de trabalho no Instituto de Artes, da UNICAMP, realizou meritória obra, que muito vai ajudar a conservação da memória de Campinas, mostrando através de seus desenhos, fases interessantes da arquitetura em Campinas. O livro que apresentará tais desenhos terá uma parte de texto, não específico, não exclusivo sobre arquitetura, mas sobre a evolução de Campinas, com considerações, é claro, sobre arquitetura. A evolução de Campinas será tratada nesse livro, mostrando-se a cidade, principalmente, através de depoimentos de viajantes, que por aqui passaram em várias épocas. Honrado com o convite que Fúlvia me fez para escrever o texto dessa documentação iconográfica, estou trabalhando na obra, com muita satisfação e interesse. Espero, com meu esforço, contribuir para a preservação da memória de Campinas, que bem merece a nossa atenção. A nossa só? Não! A das autoridades também.



SOLAR DOS BARÕES DE ITAPURA

Solar dos Barões de Itapura, uma das memórias arquitetônicas da cidade

Campinas revê sua história

Da sucursal de CAMPINAS

Preservar a memória arquitetônica da cidade, pelo menos de prédios e esculturas ainda existentes (mesmo em fotografias históricas) é o que pretendem um jornalista e uma artista plástica da Universidade Estadual de Campinas, que iniciaram um trabalho que deverá culminar com o lançamento de um livro provavelmente patrocinado pela própria Unicamp, memorizando a área urbanizada de Campinas do século passado, as fachadas de casas residenciais e comerciais, chafarizes, bebedouros d'água e outros detalhes que demonstrem, pelas suas linhas, as influências arquitetônicas que a cidade sofreu durante seu desenvolvimento.

Benedito Barbosa Pupo, assessor de imprensa do Instituto de Artes da Unicamp, e Fulvia Gonçalves, artista plástica do setor, estão trabalhando há vários meses: fotografando, registrando e colhendo informações a respeito dos prédios antigos da cidade, recorrendo até mesmo a velhas fotos em sépia ou desenhos do historiador José de Castro Mendes, falecido em 1969. "Não pretendemos editar a história de Campinas e nem mesmo colocar em termos técnicos as influências arquitetônicas por que passou o centro urbano, principalmente no século passado. O que queremos é apenas registrar aspectos interessantes do centro urbano campineiro, criando até certo ponto uma memória para a cidade que se desenvolve rapidamente e perde

traços característicos de seu passado", diz Barbosa Pupo.

Basicamente, o trabalho consistirá de um levantamento de dados e informações sobre os prédios, bebedouros, chafarizes e postes de iluminação pública, do século passado, e que ainda existem em alguns pontos da cidade, ou que foram destruídos mas são lembrados em fotos ou gravuras antigas. O trabalho inicial é fotografar aquilo que existe e que depois é transformado em gravura pela artista Fulvia Gonçalves. Barbosa Pupo, que, juntamente com Fulvia, já fez divulgação do trabalho em palestra e projeção de slides no Instituto de Artes da Unicamp e deverá rerepresentar esse trabalho na Associação dos Engenheiros e Arquitetos e no Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, ainda não tem idéia da extensão que o trabalho terá, mas acredita que pelo menos os principais monumentos arquitetônicos da cidade terão uma memória.

Sede da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, o antigo Palácio Itapura, que foi residência do Barão de Itapura, embora tenha sofrido algumas

modificações, fará parte do trabalho, com destaque, se bem que a ex-sede do governo municipal, o chamado Palácio dos Azulejos, tenha, historicamente, detalhes interessantes como o fato de ter sido totalmente importado por seu proprietário, o Barão Joaquim de Ferreira Penteado, que trouxe da Europa até mesmo os tijolos para a edificação, hoje tombada pelo patrimônio histórico. Consta que, na época de sua construção, esse sobrado, localizado na confluência das ruas Ferreira Penteado com Regente Feijó, e cujos entalhes no forro de madeira foram executados por um artista vienense, seu custo foi maior que o orçamento da cidade.

Além desses e outros casarões que ainda resistem à transformação urbana que sofre Campinas, o documento do jornalista e da artista da Unicamp deverá mostrar antigos postos de iluminação a gás, coretos (como o que ainda existe no Jardim Carlos Gomes e que foi importado da Inglaterra), bebedouros e detalhes da arquitetura, principalmente do fim do Segundo Império.

7-11-1977

"O ESTADO DE S. PAULO"

Antes que a velha Campinas desapareça



Sede da fazenda
Santa Genebra
no distrito
de Barão Geraldo.

Mesmo reconhecendo que "é pouco tarde", o jornalista Benedito Barbosa Pupo começou, junto com a artista plástica Fúlvia Gonçalves, um levantamento sobre as edificações antigas de Campinas, desde os grandes prédios, até as casas e cortiços construídos bem perto do centro. Fotografando de tudo, até os monumentos e fachadas já condenados pela especulação imobiliária e pesquisando a documentação visual disponível, Benedito e Fúlvia pretendem completar o trabalho até o primeiro semestre de 78, quando então, talvez a própria Unicamp — de onde Fúlvia é professora de Artes Plásticas — se interesse em publicá-lo.

Fúlvia teve a idéia de fazer esse documentário iconográfico — não apenas com as fachadas existentes, mas reproduzindo aqueles que estão nos arquivos — quando notou a rápida destruição na cidade. Muitas das casas desenhadas e fotografadas nesse período já foram demolidas totalmente ou ficaram com as fachadas alteradas. O trabalho, feito em desenho a fogo, que está sendo temporariamente ex-



O "Palácio dos Azulejos"
construído pelo
Barão de Itatiba (tombado).



Vila Manoel Dias,
na Vila Industrial
de Campinas,
com três entradas.

posto, com grande afluência de público — mostra lugares interessantes como a esquina da Marechal Deodoro com a Sacramento, onde foi demolida uma das últimas casas de pau-a-pique.

Os desenhos de Fúlvia mostrarão também uma vila com características próprias localizada na Vila Industrial. Ela se chama Manoel Dias e tem entrada por apenas três ruas. Duas delas são estreitas e formam a letra T, com base na rua Barão de Monte Mor e a horizontal tem extremos das ruas 24 de maio e Sales de Oliveira.

Os dois já estão trabalhando há um ano neste projeto e Barbosa Pupo acredita que será possível fazer uma boa coletânea, pois pretende juntar o trabalho de gente já falecida que tinha a mesma preocupação, como é o caso de José de Castro Mendes, autor da "Aquarela das Velhas Fazendas de Campinas". Essas telas de Castro Mendes serão utilizadas por Fúlvia para compor a imagem da Campinas rural. Fúlvia também vai usar desenhos de almanaques e jornais antigos.

Marilena Furlanetto

Campinas criará Conselho para preservar patrimônio

Da sucursal de CAMPINAS

Preservar a memória artístico-cultural da cidade, punindo severamente através do Código Penal os infratores, e garantir um "cinturão verde ao redor do centro urbano" serão os principais objetivos de um novo órgão que a Prefeitura de Campinas vai criar acolhendo sugestão do vice-prefeito José Roberto Magalhães Teixeira. O Conselho do Patrimônio Histórico e Artístico de Campinas — COPHAC — será vinculado à Secretaria de Cultura e terá atribuições específicas de "incrementar a proteção e conservação dos bens tombados, possuidores de valor histórico e artístico", segundo o documento encaminhado ao prefeito Francisco Amaral.

O Conselho será formado por um membro indicado pela Secretaria Municipal de Cultura, que será seu presidente nato e membros representativos do Centro de Ciências, Letras e Artes, da Câmara Municipal, do Gabinete do prefeito e da Secretaria de Obras, todos nomeados pelo prefeito, que serão obrigados a organizar e submeter à apreciação do Executivo a relação das propriedades ou objetos que devam ser tombados, responder a consultas, além de organizar instruções para a realização de orçamentos ou avaliações do objetivo de tombamento.

Se o projeto for aprovado, uma das teorias do ex-prefeito Lauro Pericles Gonçalves poderá ser executada: preservar ao redor de Campinas um chamado "cinturão verde", com o tombamento de velhas fazendas. Essa teoria só não foi executada durante o governo anterior porque faltaram recursos e um plano exequível, uma vez que seus principais assessores propunham a declaração de utilidade pública dessas áreas. Isso, entretanto, não garantiria a preservação dos imóveis que poderiam ser explorados normalmente, prejudicando o sentido básico do programa, de reservar o máximo de área verde possível, dentro dos limites do perímetro urbano.

O novo projeto da Prefeitura, entretanto, consegue garantir a existência das matas, e segundo um documento já elaborado, o tombamento dos bens imóveis ou integrados "em conjuntos urbanos e rurais da cidade e do município de Campinas, tanto de propriedade particular como pertencentes às pessoas jurídicas de direito público, que forem julgadas necessárias à evocação e preservação do passado histórico de Campinas, de forma a tornar esses bens apreciados pela sua forma original e realçados por seus aspectos característicos, obedecerão às formalidades de lei municipal". O mesmo documento permite o tombamento

de próprios municipais, estaduais e federais, vinculados a fatos memoráveis da história local, e ao mesmo tempo autoriza o tombamento de obras de arte de autores ligados a Campinas.

Estabelece ainda que, "como compensação às restrições estabelecidas pela legislação (limitação do uso e alterações, demolição ou mesmo pinturas) poderá o prefeito municipal conceder redução de até 100 por cento do imposto predial a que estiver sujeito o imóvel tombado.

Encarada pelos historiadores como atitude de grande valia para a memória histórica da cidade — principalmente após a "onda de demolições de velhos casarões no centro" — a criação do Conselho do Patrimônio Histórico e Artístico de Campinas não permitirá reforma, ou construções, nas áreas próximas ao local tombado, que impeça ou reduza a visibilidade e "modifique a paisagem histórica do local". Todos os tombamentos serão registrados em livro próprio do Conselho, que terá ainda a função de representar às autoridades, solicitando a aplicação penal aos infratores de acordo com os artigos 165 e 166 do Código Penal e artigo 48 da Lei de Contravenções Penais. Paralelamente será aplicada a legislação federal ou estadual que trata da proteção do patrimônio.



Desenho Fúlvia Gonçalves

A sede da Fazenda Bocaina, um dos patrimônios a serem preservados

O ESTADO DE S. PAULO



Sede de fazenda



Vista interna do "curro".

As curiosas e interessantes construções de Campinas (1/2)

As Grandes Mansões das Fazendas

Reportagem de Benedito BARBOSA PUPO

Ilustrações de Fúlvia GONÇALVES

A ZONA RURAL

Para Sérgio Buarque de Holanda (Raízes do Brasil), a estrutura da sociedade colonial brasileira repousa fora das cidades. Foi a partir de 1888, com a Abolição da escravidão, que a vida brasileira se deslocou do campo para a cidade. Foi só então que se implantou a «urbano-cracia».

A cidade para esse autor era «uma simples dependência» da zona rural, pois toda a nossa atividade se desenvolvia nesta.

Tanto no Brasil Colônia, como no Império a política era monopolizada pelos fazendeiros. Estes viviam mais em suas fazendas, mantendo suas casas na cidade, que se abriam somente nas grandes ocasiões, como nas festas religiosas. Em decorrência disso, os fazendeiros cuidavam esmeradamente de suas casas rurais, descuidando-se das residências urbanas. Nas primeiras onde tinham possibilidade de receber mais requintadamente, concentravam-se as peças de luxo.

Não parece que isso acontecia em Campinas, cujos fazendeiros se se esmeravam em requintes em suas residências nas fazendas, jamais descuidaram de suas moradias urbanas, verdadeiras mansões, onde também imperava a pompa e o luxo. Na reportagem que virá em seguida serão apresentadas algumas residências de fazendeiros, na zona urbana de Campinas. Aqui, serão apresentadas as construções em fazendas, algumas não mais pertencentes ao município de Campinas. Estas são apresentadas, porque refletem o espírito de seus proprietários, aqui então radicados.

O album de aquarelas de José de Castro Mendes, distribuído há anos, pelo antigo Departamento Estadual de Informações, que serviu para Fúlvia Gonçalves reproduzir aspectos das velhas fazendas campineiras, traz interessante introdução de autoria do engenheiro agrônomo J. E. Teixeira Mendes.

Abordando as construções nas fazendas, J. E. Teixeira Mendes refere-se às peças fundamentais como a casa grande e a senzala. Estas eram peças obrigatórias em qualquer fazenda. A casa grande não possuindo um estilo arquitetônico próprio, tinha entretanto, por outro lado, indistintidade em seus traços gerais. Muitas dessas residências eram assobradadas, com um rez do chão sem grande utilização, a não ser para depósito de depósitos de uma jornada de trabalho.

Objetos fora de uso. Com amplas varandas, salões enormes, abundância de quartos e grande cozinha, a casa grande podia abrigar dezenas de pessoas, ao mesmo tempo.

Vinculada à casa grande pois não se admitia que ela ficasse longe dos olhos do fazendeiro, a senzala ou curro era o alojamento dos pretos durante a noite. Com um único portão, janelas e portas abrindo-se para pátio interno, a senzala era assim de fácil fiscalização.



Sede de fazenda, com senzala ao lado, no pátio murado.

O povoamento da Região campineira a partir do segundo quartel do Século XVIII, deveu-se à decadência da mineração e à expansão da agricultura no Planalto Paulista.

Embora a busca do ouro ainda estivesse na cogitação de muitos paulistas, a agricultura naquela época já constituía uma preocupação da gente bandeirante.

Abrindo-se a Estrada dos «Goiases», em 1722, sesmarias começaram a ser concedidas na Região campineira, aqui formando-se, em consequência, uma pequena comunidade rural. Esta, de acordo com o primeiro recenseamento feito em 1767, possuía 53 fogos, o que quer dizer 53 sítios, abrigando 265 almas. Esse recenseamento abrangia área maior do que a ocupada hoje pela município de Campinas, pois nela se incluíam os atuais municípios de Valinhos e Vinhedo.

Dedicando-se à lavoura de subsistência, a população do bairro rural situado nas «Campinas do Mato Grosso», vendia os excedentes aos itinerantes, que pernoitavam no pouso aqui então existente.

O MORGADO DE MATEUS E A ECONOMIA CAMPINEIRA

Da economia de subsistência, passaram os habitantes da Região para o plantio da cana-de-açúcar. A esta gramínea, Campinas deveu suas condições para tornar-se município, com o nome de Vila de São Carlos. Visitando nossa cidade alguns

anos após tal evento (1819), o cientista francês Saint Hilaire se referiu à introdução da cana-de-açúcar em nosso município afirmando que o progresso de Campinas era devido a tal cultura.

Naquela época, a vocação de Campinas para a exportação já se havia manifestado. D. Luiz Antonio de Souza Botelho e Mourão, o Morgado de Mateus, que governara São Paulo de 1765 a 1775, deixara o Brasil, mas os efeitos de sua atuação estavam patentes na lavoura canavieira, então em expansão no Planalto Paulista, principalmente no chamado «Quadrilátero do Açúcar», denominação dada à área demarcada pelas linhas, ligando Sorocaba, Piracicaba, Jundiaí e Mogi Guaçu, no qual se incluía Campinas.

CAFÉ: UMA NOVA RIQUEZA

No ano de 1872, o botânico brasileiro Joaquim Correa de Mello publicava, com o título de «Café-Campinas» um relato sobre o café, então já dominando na agricultura campineira. Nesse relato, informa-se de que já na primeira década do Século XIX, o café era conhecido aqui, porquanto em 1807 ou 1809 havia «cafeseiros» na chácara do tenente Francisco Antonio d'Andrade. Conta-nos o botânico que o «café em cerejas» trazido da chácara do tenente «aqui era despulpado, seco ao sol estendido na rua em frente à casa de sua residência, sita à rua Barreto Leme; e depois era socado às mãos em pilões».

Com a ida do tenente Antonio Francisco de Andrade para o Sul a fim de tomar parte na campanha militar, essa pequena lavoura ficou abandonada, aniquilando-se.

Em 1817, o capitão Francisco de Paula Camargo formou em sua fazenda uma lavoura de café. Além disso, induziu seu parente, o tenente-coronel Joaquim Aranha Barreto Camargo a fazer o mesmo. Estas lavouras, entretanto, foram abandonadas por motivos vários.

Passando a fazenda do tenente-coronel Joaquim Aranha Barreto Camargo para seu parente e genro, Francisco Egidio de Souza Aranha, este ampliou a plantação feita pelo sogro. Foi Francisco Egidio o primeiro a exportar café de Campinas.

Estimulados pelos ótimos resultados obtidos pelo lavrador Francisco Egidio, os srs. José de Souza Campos e Bernardo José Sampaio passaram por volta de 1835 a dedicar-se à cafeicultura.

Em vista dos excelentes resultados obtidos por ambos lavradores, «os seus vizinhos e outros foram a pouco a pouco abandonando as plantações de cana, substituindo-as pela do «café», de sorte que nos anos de 1842 e 1843 já fizeram-se colheitas importantes». Conclui Correa de Mello seu histórico com esta afirmação: «E' destas últimas datas que começou a imensa riqueza e florescimento deste município, que o deve ao pequeno fruto oriundo da Ásia».

TRÊS PERÍODOS DA CAFEICULTURA

Na introdução ao album de aquarelas de José de Castro Mendes, o engenheiro agrônomo J. E. Teixeira Mendes refere-se aos três períodos por que passou até então a cafeicultura, em Campinas, descrevendo as características de cada um.

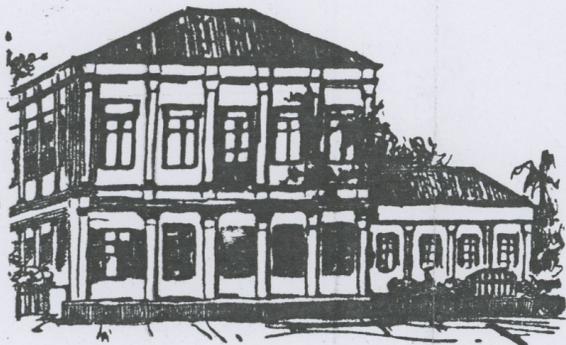
O primeiro deles se refere à fase do elemento servil. Esta, base da economia agrícola da época, foi o esteio da cafeicultura, quando esta se introduziu em terras paulistas.

O segundo é marcado pela presença do colono estrangeiro, quando a migração foi intensificada, com a entrada no Brasil de trabalhadores rurais, provindos principalmente da Itália.

O último caracteriza-se pela diminuição do fluxo migratório para o Brasil e retirada de colonos de São Paulo, que, atraídos pelas «terras roxas» do Norte do Paraná, deixavam o nosso Estado.



Detalhe de residencia rural.



Imponente "Casa Grande".



Portão de entrada de senzala.



Como testemunho das habitações humildes, existem ainda em Campinas "cortiços" como este, bem próximos ao centro da cidade.

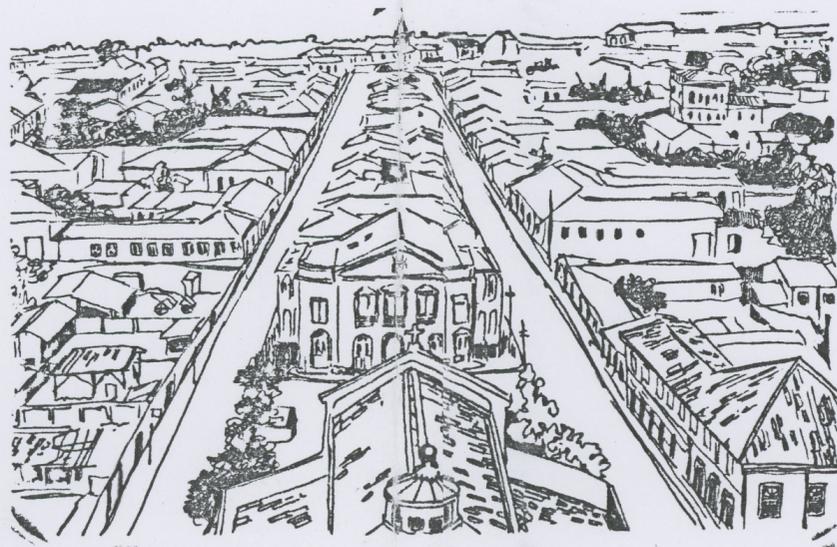


Foto do fim do Século XIX, tirada do alto da Catedral, nela aparecendo o antigo Teatro São Carlos e as ruas dr. Costa Aguiar e 13 de Maio. Com a inauguração da ferrovia em 1872, o comércio antes localizado na atual Dr. Quirino, deslocou-se para a 3 de Maio.



A "Vila Manuel Dias" com entradas por duas ruas, tem a forma de um cotovelo. Esta é a entrada da Dr. Sales de Oliveira.

Curiosas e interessantes construções de Campinas (2/2)

AS CASAS DA ZONA URBANA

Reportagem de Benedito BARBOSA PUPO

Ilustrações de Fúlvia GONÇALVES

Dois tipos de habitação, sobrado e casa térrea, predominavam, caracterizando-se o primeiro por ser assoalhado e o segundo de "chão batido". Com isso, definiam-se as relações entre os tipos de habitação e os estratos sociais: o sobrado demonstrando a riqueza e a casa térrea, de "chão batido", a pobreza. Nesta reportagem, procurará-se fixar-se as fachadas das curiosidades existentes ou que existiram em Campinas, em matéria de construções, sem a preocupação de se declassificar os interiores.

SÉCULO XVIII

As casas, construídas em geral de modo uniforme, tinham, em alguns casos, sua padronização fixada nas Cartas Régias ou em posturas municipais. No século XVIII, eram exigências correntes as dimensões e número de abertura, altura dos pavimentos e alinhamentos das edificações vizinhas. Com as normas estabelecidas para as construções no período colonial, procurava-se reproduzir nas cidades brasileiras, uma aparência portuguesa. Nesse período, as ruas eram definidas pelas casas.

Do contrário dos espanhóis, que dispunham de legislação abundante nesse sentido, podendo assim disciplinar a cidade desde o seu nascimento, os portugueses não planejavam convenientemente seus centros urbanos, desleixando-se mesmo na sua implantação e desenvolvimento. Em "Raízes do Brasil", Sérgio Buarque de Holanda retrata a situação com estas palavras: "As casas eram semeadas com desalinho, em volta de uma igreja toda branca e situada quase sempre em lugar mais elevado; com um desalinho que faz pensar um pouco nesses jardins de Portugal, evocados por Gilberto Freyre, cheios de uma poesia meio selvagem e onde aparecem, aqui e ali, flores de nome, que pedem poemas: Flor de Noiva, Três Marias, Cinco Cragas, Brinco de Princesa, Flor de Viuva, Suspiros, Saudades, Resedá, Palmas de Santa Rita".

O CASO DE CAMPINAS

Campinas, ao contrário de muitos núcleos urbanos pode ser considerada uma cidade criada. As normas para arruamento e construção de casas estabelecidas pelo Morgado de Mateus, governador da Capitania de São Paulo, no período de 1765 a 1775, seriam um "plano urbanístico", sem os requintes tecnológicos dos atuais. Elas já revelavam uma certa preocupação com a localização do povoado e suas características urbanas.

Embora a documentação iconográfica, que o talento de Fúlvia Gonçalves, com os seus desenhos a traço, põe à disposição desta reportagem, seja especificamente de fachadas, não é demais fazerem-se algumas considerações sobre os edifícios em geral, para o que, frequentemente haverá necessidade de recorrer-se ao arquiteto Nestor Goulart Reis Filho, que em seu livro "Quadro da Arquitetura no Brasil", faz uma síntese da evolução da arquitetura em nosso País. Para esse autor, não eram só as fachadas das casas brasileiras, que sofriam a influência de Portugal, mas também a sua planta.

MONOTONIA

Deixadas em parte ao gosto dos proprietários, as plantas eram sempre monótonas, mostrando que os padrões oficiais apenas completavam uma tendência espontânea. Essas construções são assim descritas por Nestor Goulart Reis Filho: "As salas da frente e as lojas aproveitavam as aberturas sobre a rua, ficando as aberturas dos fundos para a iluminação dos cômodos de permanência das mulheres e dos locais de trabalho. En-

tre estas partes com iluminação natural, situavam-se as alcovas, destinadas à permanência noturna e onde dificilmente penetrava a luz do dia. A circulação realizava-se sobretudo em corredor longitudinal que, em geral, conduzia da porta da rua aos fundos. Esse corredor apoiava-se a uma das paredes laterais, ou fixava-se no centro da planta nos exemplos maiores".

Nas residências mais importantes, pedra e barro e, raramente ainda, eram empregadas tijolos e cal, nas construções, cujas técnicas construtivas eram, geralmente, pilão constituíam os elementos das construções mais simples. Nos telhados de duas águas, procurava-se dividir a cobertura, ficando uma parte sobre o quintal e outra sobre a rua. Evitava-se, assim, o emprego de qualquer outro sistema de captação e construção de águas pluviais, que constituíam raridade. Sendo nessa sociedade carente de aperfeiçoamentos, mas contando com abundante mão de obra, graças ao trabalho escravo, era patente o primitivismo tecnológico nas construções da época.

CASAS DE DUAS FACHADAS E CHACARAS

As casas de esquina entretanto apresentavam variações. O fato de serem construídas com duas fachadas, permitia alterações no esquema da planta e telhado.

Além dos tipos de habitação mencionadas, havia as chacaras. Esse tipo característico da habitação colonial, geralmente situado na periferia, conseguia reunir as facilidades de abastecimento e dos serviços das habitações rurais. Campinas ainda hoje apresenta testemunhas desse tipo de propriedade, remanescentes do passado, truídos na era colonial, quais foram posteriormente.

CASAS NO ALINHAMENTO DAS RUAS

Uma das características urbanas marcantes da era colonial está no aspecto uniforme das ruas, com sobrados e casas térreas construídos no alinhamento das vias públicas e nos limites laterais do terreno. Naquela época, só duas opções havia para construção de casas, não se admitindo meios termos. As casas eram então urbanas ou rurais. Não se concebiam casas urbanas recuadas

do alinhamento da rua, com jardins, que só no século XIX foram introduzidas nas residências brasileiras.

A rua que se caracterizava pela presença de habitações, pois uma via pública demarcada por cercas era apenas uma estrada, "existia sempre como um traço de união entre conjunto de prédios e por eles era definida espacialmente".

Para compreenderem-se bem os problemas urbanos da era colonial, é aconselhável a leitura deste trecho de Nestor Goulart Reis Filho: "Nessa época ainda eram desconhecidos os equipamentos de precisão da topografia e não havia portanto possibilidade de serem mantidos, por muito tempo, os traçados feitos, sem que fossem erguidos os edifícios correspondentes. A impressão de monotonia era acentuada pela ausência de verde. Inexistindo os jardins domésticos e públicos e a arborização das ruas, acentuava-se naturalmente a impressão de concentração, mesmo em núcleos de população reduzida. Atenuavam-na apenas os pomares derramando-se por vezes sobre os muros".

Novo tipo de residência: a casa de porão alto

Surge no Século XIX, uma transformação no padrão arquitetônico nas residências brasileiras. Representada pela casa de porão alto, esse novo tipo de residência era uma transição entre as casas térreas e os velhos sobrados. Isso já significava algo de avanço, numa época em que as construções estavam vinculadas ao braço do escravo.

NO INÍCIO DO SÉCULO XIX, AS MESMAS NORMAS

Na primeira metade do século XIX, ainda se conservavam praticamente as mesmas normas na construção das casas urbanas, já que os usos e costumes da população, dependentes ainda do trabalho escravo, não sugeriam grandes transformações.

Até a metade do século passado, mantinha-se ainda o velho esquema de vincular a habitação ao lote urbano, conservando-se com pequenas alterações, as normas coloniais. A tradição de se construir as casas avançadas até o alinhamento das ruas e os limites com o vizinho, como se fazia no século anterior, permanecia.

A MISSÃO FRANCESA

Essa primeira metade tem a peculiaridade de abranger 22 anos do período colonial, extinguido com a proclamação de D. Pedro I em 7 de setembro de 1822, pertencendo, portanto, à era colonial do Brasil, nele não se processaram transformações de vulto subsistindo comumente as formas de utilização das habitações, assim como os mesmos processos construtivos do sistema escravagista, que alguns anos após começava a se alterar. Ainda no tempo do Brasil Colônia, a Corte entretanto se beneficiava da Missão Artística Francesa.

Era o Brasil colônia de Portugal, quando em 1816, a Academia de Belas Artes iniciou suas atividades no Rio de Janeiro. Naquele ano chegara ao Brasil, a Missão Artística Francesa, estabelecendo-se então o ensino oficial das artes plásticas no País. Graças a esses dois eventos, o panorama da arquitetura no Brasil começou a sofrer transformações de vulto, dando origem a construções mais refinadas. Nesse período implanta-se o Neoclassicismo. Abrindo-se às influências culturais internacionais, o Brasil vê nesse período a arquitetura sofrer grandes transformações. Introduz-se em nosso País, por influência da Missão Artística Francesa o Neoclassicismo.

O PORÃO ALTO

A transformação digna de nota foi o aparecimento do novo tipo de residência, na qual se introduziu o porão alto. Ainda alinhada na rua, essa construção representava, entretanto, uma transição entre as casas térreas e os velhos sobrados. "Longe do comércio, nos bairros de caráter residencial — lê-se em "Quadro da Arquitetura Brasil" de Nestor Goulart Reis Filho —, a nova fórmula de implantação permitia aproximar as residências da rua, sem os defeitos das casas térreas, graças aos porões mais ou menos elevados, cuja presença era muitas vezes denunciada pela existência de árcos ou seixas com gradis de ferro, sob as janelas dos salões".

A CAFEICULTURA INCREMENTA-SE EM CAMPINAS

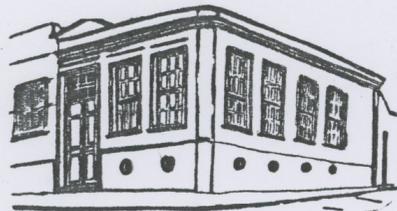
Nos meados do século passado, a cafeicultura expandia-se nas terras do Oeste paulista, conquistando os fazendeiros, que passaram a substituir a cultura canieira pela do café. Na segunda metade daquele século, transformações sócio-econômicas e tecnológicas se operaram no Brasil, renovando os velhos hábitos de construir e habitar. Campinas inseria-se no contexto nacional, adotando então novos padrões para as suas construções. O advento da ferrovia e o transporte fluvial favoreceram essas mudanças, ao proporcionarem transporte fácil de equipamentos pesados, cujas implicações na tecnologia das fazendas foram ponderáveis, com reflexos nas moradias urbanas.

OS PRÉDIOS RECUADOS

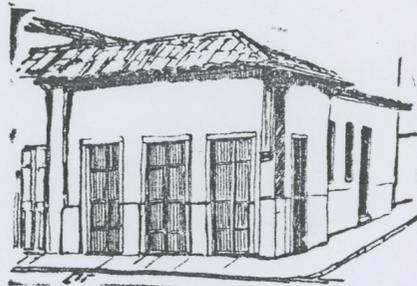
Libertando-se de normas condicionadas às impostas pelo sistema servil, as construções já não se sujeitavam mais aos esquemas rígidos de situar o edifício nos limites

do lote. Apareceram então os prédios recuados, primeiramente de um dos lados, depois de outro e finalmente do alinhamento da rua. Essa evolução levou à casa isolada, afastada dos vizinhos, com jardins laterais e na frente.

Não se tem aqui nesta reportagem destinada a mostrar prédios antigos, curiosos pela sua aparência, a pretensão de situar cada tipo de construção em sua época, definindo-lhe o estilo. Como assevera Nestor Goulart Reis Filho é tarefa muito difícil, mesmo para os especialistas, se determinarem com precisão as datas da construção de cada um deles. Situar, num trabalho condensado como a reportagem, os estilos predominantes nas várias épocas — colonial, neoclassicismo e ecletismo — é tarefa que transcende ao objetivo em vista, que é apenas o de por diante dos olhos do leitor aspectos curiosos da cidade e das fazendas.



A casa de porão alto representa a transição entre a de "chão batido" e o sobrado.



Ainda são encontrados em Campinas, prédios com portas de varões de ferro, destinados a açouques.



O Solar da Barroza de Itapura, atualmente ocupado pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas.



O "Palácio dos Azulejos" foi tombado pelo Patrimônio Histórico por ser um exemplar arquitetônico digno de conservação.

As ilustrações de Fúlvia Gonçalves

Campinas possui (e possuiu) em sua zona urbana como na rural, curiosas construções, dignas de serem focalizadas. As primeiras ainda podem ser vistas, ostentando seus curiosos aspectos, suas fachadas pobres, mas pitorescas ou sutiosas. Das que existiram algumas podem ser apreciadas em desenhos ou fotografias existentes na Biblioteca Pública Municipal Prof. "Ernesto Manuel Zink". A pintora Fúlvia Gonçalves, do Instituto de Artes, da UNICAMP, empolgou-se por essas "fachadas", resolvendo desenhá-las a traço, sem a preocupação de seu significado arquitetônico, mas apenas levando em conta os aspectos interessantes e curiosos oferecidos por elas. Disso resultou, magnífica coleção de desenhos dos quais nesta série de duas reportagens, são reproduzidos alguns, não só de construções urbanas como rurais. Pretende a pintora Fúlvia Gonçalves reunir em livro toda a sua coleção de desenhos, tendo convidado para redigir os textos o autor desta reportagem.

Na primeira reportagem desta série e presente, a primeira reportagem, desta série e na presente série tiveram e tem os leitores amostras do trabalho de Fúlvia Gonçalves, que gentilmente permitiu a publicação no CORREIO POPULAR de alguns de seus desenhos.